



PUC

NEUROSE OBSESSIVA E RELIGIÃO  
REVISÃO DE CONCEITOS FREUDIANOS

Penina Sipres Jablonka

Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro  
Rua Marquês de São Vicente, 209 — ZC-20  
Rio de Janeiro — Brasil

PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DO RIO DE JANEIRO

DEPARTAMENTO DE PSICOLOGIA

NEUROSE OBSESSIVA E RELIGIÃO  
REVISÃO DE CONCEITOS FREUDIANOS

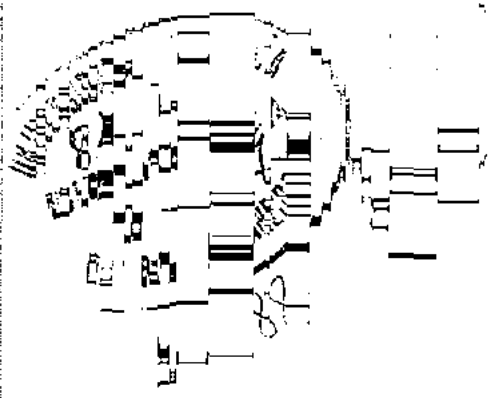
Penina Sipres Jablonka

Tese submetida como requisito parcial para obtenção  
do Grau de  
MESTRE EM PSICOLOGIA

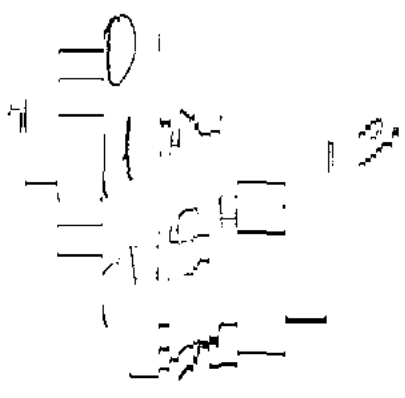
Monique Augras  
Professor Orientador

Rio de Janeiro, fevereiro-1975

7:131 <sup>①</sup>



BB - 11-112



NEUROSE OBSESSIVA E RELIGIÃO  
REVISÃO DE CONCEITOS FREUDIANOS

A

Moshe e Beth Ilse

Meus pais

A prof.<sup>a</sup> Monique Augras, por sua orientação segura,  
seu estímulo constante. Pelo muito que pude com ela  
aprender,

ao Abrão, com cuja ajuda e compreensão sempre pude  
contar,

a todos os que direta ou indiretamente colaboraram  
na realização deste trabalho,

ao Departamento de Psicologia da Pontifícia Univer  
sidade Católica do Rio de Janeiro,

meu reconhecimento.

## ÍNDICE

I	-	INTRODUÇÃO.....	1
II	-	CONCEITO PSICOPATOLÓGICO.....	3
III	-	A NEUROSE OBSESSIVA SEGUNDO FREUD.....	13
IV	-	RITUAL E RELIGIÃO NUMA PERSPECTIVA ANTROPOLÓ GICA.....	21
V	-	A RELIGIÃO É UMA ILUSÃO? .....	34
VI	-	ALGUMAS CONSIDERAÇÕES SOBRE A "HISTÓRIA DE UMA NEUROSE INFANTIL.....	44
VII	-	CONCLUSÃO.....	52

## RESUMO

O enfoque freudiano da neurose obsessiva como uma religião deformada, e, a conceituação da religião como uma neurose coletiva, levou-nos a questionar os pontos em comum que permitiriam esta analogia.

Neste sentido, respondendo à necessidade de definir o objeto de nosso estudo, primeiramente procuramos conceituar a enfermidade a partir do ponto de vista psicopatológico.

A tarefa seguinte foi obter na fundamentação de Freud sobre neurose obsessiva, melhor compreensão da dinâmica da doença.

Por terem sido várias vezes encontradas semelhanças entre o pensamento do homem religioso e o do neurótico obsessivo, impôs-se a necessidade de verificar igualmente o que se passava com o primeiro. Nestes termos, a perspectiva antropológica forneceu-nos vasto material.

Com base nos dados adquiridos nestas etapas, pudemos encarar de maneira mais crítica as afirmações de Freud em "O FUTURO DE UMA ILUSÃO", onde chega à analogia acima mencionada.

Procurando ilustrar este trabalho, acrescentamos também a análise de um caso que se prestou igualmente ao entendimento do papel desempenhado pelo cerimonial no quadro obsessivo.



## RÉSUMÉ

La névrose obsessionnelle considérée comme une religion déformée, et la religion décrite comme une névrose collective: cette position de Freud nous a amenés à interroger les points communs qui pourraient fonder cette analogie.

C'est pourquoi, répondant au besoin de définir l'objet de notre étude, nous avons d'abord cherché à cerner le concept de cette névrose, dans une perspective psychopathologique.

La démarche suivante a consisté à établir une meilleure compréhension du mécanisme de cette névrose, à partir des théories freudiennes.

L'observation de ressemblances entre la pensée de l'homme religieux et du névrosé nous a amenés à vérifier également ce qui fait la caractéristique du premier. La perspective anthropologique nous a fourni alors un vaste matériel.

A partir de ces données nous avons pu voir d'un oeil plus critique les affirmations de Freud dans "L'AVENIR D'UNE ILLUSION", où il en vient à établir l'analogie qui a constitué notre point de départ.

Afin d'illustrer nos observations, nous avons procédé à l'analyse d'un cas qui permet également de comprendre le rôle joué par le cérémoniel dans le cadre obsessionnel.

## I - INTRODUÇÃO

O trabalho que apresentamos, questiona os aspectos religiosos na neurose obsessiva. A analogia proposta por Freud entre a neurose obsessiva e o fenômeno religioso foi fartamente comentada e criticada por diversos autores, em diferentes áreas. Sendo a nossa intenção pouco ambiciosa, não temos a pretensão de propor um ponto de vista novo ou diferente. Apenas procuramos considerar criticamente a perspectiva de Freud com relação à neurose obsessiva, enfocando ao mesmo tempo outras posições.

O aspecto do cerimonial apresentado pelo neurótico chama a atenção tanto pelo cuidado com que é desempenhado, como pela obrigatoriedade do mesmo; é notório o estado de aflição da pessoa quando se vê impedida de levar a cabo a ação, julgando que assim alguma desgraça ocorrerá. É como se através do seu cumprimento toda a segurança do universo estivesse a salvo. Lembramos aqui a tese de Jean Cazeneuve, encontrada em seu livro "les rites et la Condition Humaine". Discordando do conceito psicopatológico de ritual, definido como uma ação que se repete a intervalos, em obediência a regras invariáveis, não produzindo qualquer efeito útil, propõe ele servirem os ritos para afastar a angústia, devolvendo ao homem uma condição de estabilidade e segurança. Comparando a condição humana a do animal, a segunda proporcionaria uma vivência em absoluto equilíbrio, garantido pela orientação do animal através do instinto, isto é, por regras comuns à espécie. O homem, ao contrário, deve ele mesmo, a cada momento estabelecer suas próprias regras. Desta forma, a liberdade e a consciência individual, características que separariam o homem do animal funcionariam, igualmente, como fonte de ansiedade. Em suma, angustiado por sua própria natureza, o homem teria procurado criar para si um sistema de regras tão rí-

gido quanto o instinto animal, objetivando uma situação es  
tável. Este seria, para Cazeneuve, justamente a função do  
ritual religioso.

Mas, ao nosso ver, a imposição de todo um sistema so  
cial organizando a vida em comum através de regras de mo-  
ral, conceitos de ética, instituições familiares, etc. ade  
quer-se-iam perfeitamente ao sugerido por Cazeneuve como  
função dos rituais. Portanto, parece situar-se o ritual  
religioso além destes objetivos.

Certamente não podemos negar semelhanças evidentes en-  
tre o ritual do indivíduo neurótico e aquele estabelecido  
pela religião, principalmente no modo como são desempenha-  
dos - a seriedade, a observação cuidadosa de cada eta-  
pa, etc. Se permanecemos no nível apenas da forma, dequi-  
lo que é aparente, não hesitamos em deduzir sua origem e  
significado comuns, podendo concluir com o pensamento de  
Freud de que a neurose obsessiva seria uma religião defor-  
mada. O rigor com que o homem religioso cumpre os cerimo-  
niais, bem nos sugere uma personalidade insegura, chegada  
aos detalhes minuciosos. Por conseguinte, é válida uma a-  
proximação entre ambos comportamentos em função do que é  
manifesto, mas jamais uma identificação.

Nesta monografia tentamos compreender as raízes da neu  
rose obsessiva. O ponto de partida que nos sugere Freud é  
bastante atraente, mas é preciso não deixarmo-nos seduzir  
- a religião poderia dar conta do que se passa com o en-  
fermo obsessivo? Neste caso, quais seriam os fatores re-  
gentes do fenômeno religioso?

Partindo do estudo da neurose obsessiva, tanto sob pon  
to de vista freudiano, quanto da psicopatologia, chegamos  
à sua definição de religião. Nenhuma conclusão, porém, se  
ria válida se não procurássemos as diferenças entre as di-  
versas colocações sobre o problema: é o que tentamos fe-  
zer.

## II - CONCEITO PSICOPATOLÓGICO

Por razões de sistemática torna-se imprescindível a definição de neurose obsessiva pelo prisma da psicopatologia. Não poderíamos iniciar nosso trabalho sem explicitar seu objeto de estudo. Em vista da discórdia existente entre os diversos autores, não é fácil entendê-la em poucas linhas; por isso, vamos nos referir a alguns deles, numa tentativa de encontrar uma orientação que evite possíveis confusões.

A evolução do conceito de neurose obsessiva nos é fornecida por Laughlin, a partir de uma retrospectiva histórica. Segundo ele, somente com o advento da psiquiatria moderna, especialmente após o século XVIII, foi dada maior atenção à doença emocional e ao comportamento obsessivo-compulsivo. Mas, provavelmente, os sintomas e traços de caráter obsessivo já tinham sido observados durante um bom tempo, faltando conhecimento científico para sua melhor compreensão. Em 1838, Jean Etienne Esquirol, denominou a obsessão de dúvida de monomanie raisonnante. Jean Pierre Falret (1794-1870), mais tarde chamou-a de Maladie du doute. Em 1861, Morel, outro psiquiatra francês, provavelmente foi quem primeiro usou o termo obsessão. Juntamente com outros (Magnan, Regis, Pitres), achava que a neurose obsessiva desenvolvia-se sobre anomalias do caráter ou, como se dizia na época, sobre um estado degenerativo da personalidade psicofísica. Dezessete anos mais tarde, em 1878, Carl Fridrich Westphal definiu as obsessões como idéias que aparecem "contrárias à vontade do paciente, não podendo ser banidas, e que são reconhecidas como anormais...". Observa-se que sua definição continua hoje aplicável. Por volta de 1895, Sigmund Freud começou a escrever sobre os sintomas obsessivos e sua dinâmica. No início deste século, Pierre Janet introduziu o termo e concei

to de psicastenia. Literalmente significando "fraqueza psíquica", neste grupo ele incluiu, além das obsessões e estados obsessivos, as síndromes psiconeuróticas, excluiu, no entanto a histeria. A obsessão seria um entre muitos sintomas da psicastenia. Kretschmer enfatizou a constituição e biotipologia do obsessivo que, segundo ele poderia ser considerado um esquizoide em amplo sentido (12.p. 553-554).

Mais recentemente, Henri Ey define a neurose obsessiva pelo caráter compulsivo dos sentimentos, das idéias ou das condutas que se impõem ao sujeito contra sua vontade, não podendo ser eliminados pelo raciocínio lógico. (7. p.482). No Dicionário de Psiquiatria de Porot, encontra-se como definição de obsessão: "a idéia associada a um sentimento penoso, num dualismo ideoaferivo, que invade a consciência de forma repetitiva e incoercível... O elemento ideico não têm caráter específico, podendo ser uma idéia qualquer ou diversas, que se apresentam simultânea e sucessivamente". (18. p. 431). A definição de Laughlin não difere muito das precedentes. Para ele, a neurose obsessivo-compulsiva é um padrão emocional de reação, no qual os traços clínicos mais evidentes são a intrusão de idéias insistentes, repetitivas e, o impulso à ação inaceitável. Embora muitas vezes o paciente mostra-se horrorizado com o, pensamento intruso, queixa-se ser muito difícil conseguir conter-se para não realizá-lo - uma senhora religiosa e muito pudica vê os órgãos genitais dos homens através da roupa, principalmente se são padres ou se estão na igreja; a mãe teme matar seu filho, etc.. Apesar da intensa apreensão que causam estas idéias, raramente o indivíduo chega a concretizá-las.

O estado afetivo ligado a idéia obsessiva é menos variável, existindo sempre um fundo de ansiedade frente a possi-

bilidade de algum perigo. O ato compulsivo surge, então, como uma espécie de ritual mágico que temporariamente "distrain" a situação perigosa. Muitos atos compulsivos consistem apenas em pequenas atitudes - tocar ou contar objetos, lavar as mãos seguidamente, etc. Outros, muito elaborados, tornam-se verdadeiros rituais. Durante a sua execução, a intensidade da ansiedade reduz-se, mas sendo impossível levar a cabo o ato, a ansiedade ressurgue com toda força.

A origem psicogenética da neurose obsessiva é ainda um tanto obscura, podendo perceber-se divergências entre os autores. Honório Delgado, por exemplo, não aceita a sexualidade na estrutura dinâmica dos atos compulsivos, como Freud. A base da enfermidade, para ele, seria o que Von Gebsattel chamou "o mundo do obsessivo", no qual dominariam as potências ameaçadoras contra as quais se frustraria todo esforço defensivo. Outra característica apontada pelo autor é a perturbação da vivência do tempo - a estrutura do tempo no obsessivo incluiria uma destruição na articulação do curso da ação. Por exemplo, um paciente sentia-se obrigado a lavar todos os objetos que comprava, pois só assim conseguia usá-los. A operação era repetida um sem número de vezes; ele não conseguia reviver o momento da compra e da limpeza.

Meyer, autor citado por Alonso-Fernandez, considera a obsessão como um distúrbio da relação eu-mundo, caracterizando-se pela supressão da distância entre o eu e o mundo e pelo medo do indivíduo do contato com este. (8. p. 277) Esta posição, bastante interessante, poderia explicar os rituais obsessivos como uma forma do sujeito afastar-se do mundo.

Noyes acredita estar a origem do comportamento obsessivo-compulsivo, no conflito precoce que se daria na criança

entre seus impulsos de auto-afirmação onipotente e a necessidade de se conformar às exigências dos pais, para manter seu amor e respeito. Em geral, o paciente obsessivo teve pais muito rígidos e exigentes, tendo muitas vezes sentido raiva deles. Mas, em função de preservar o relacionamento, foi obrigada a reprimir os sentimentos de hostilidade. Esta atitude tornar-se-ia internalizada e inconsciente, de forma que cada reação de agressão colocaria em ação dois movimentos ambivalentes, simbolizando gratificação, submissão, amor, ódio. (15. p. 445)

A posição de Laughlin vem corroborar a de Noyes no que diz respeito à importância do relacionamento precoce da criança com os pais. Em sua experiência com paciente obsessivo assegura ter encontrado neles carência de afeto durante os primeiros anos de vida. Relata o caso de uma moça de trinta e dois anos, mãe de suas crianças, que apresentava pensamentos obsessivos relacionados com dano a seus filhos. Tais pensamentos obsessivos lhe eram terríveis e pareciam-lhe tão estranhos que durante dois anos, apesar de todo seu sofrimento envergonhara-se de procurar um médico.

A paciente era a mais velha de três irmãs, sendo responsável por eles. Sentia-se carente de afeto dos pais e muito ressentida com os irmãos. Imaginava, então, como seria sem eles. Estas idéias que sempre se acompanhavam de fantasias de eliminar os irmãos, provocavam-lhe intensa culpa e ansiedade. A total repressão destes pensamentos, substituindo os sentimentos de hostilidade por intenções positivas, foi a defesa utilizada. No decorrer do tratamento, ficou esclarecido ser sua própria mãe extremamente insegura, ansiosa, incapaz de se permitir a mais leve expressão de hostilidade, de sentimentos hostis. A paciente teria adotado um padrão de comportamento semelhante; somente sentimentos amorosos seriam toleráveis e qualquer sentimento negativo, reprimido.

Os desejos destrutivos inconscientes na criança teriam um poder mágico: ela temeria sua força duvidando de sua capacidade de controlá-los. A ira contra os pais representaria forte perigo a sua segurança - o alimento, o amor, sua própria sobrevivência estariam ameaçados frente a menor expressão de raiva. Esta seria a essência do dilema obsessivo para Laughlin. O único modo de se defender compreenderia a total repressão de todo pensamento hostil.

O treinamento dos esfíncteres, ao seu ver, é também de importância capital. Quando os pais são ansiosos, a criança percebe deixar a mãe intensamente preocupada com sua recusa de evacuar. A função anal tomaria diferentes significados para a criança - poderia ter o sentido de um presente, ou de poderosa arma, servindo como meio de controle e poder.

Ainda a respeito da etiologia da neurose obsessiva, autores como A. Lewis, citado por Honório Delgado, atribuem grande importância à herança. Estudando parentes de cem pacientes neuróticos obsessivos, encontrou a mesma enfermidade em 20% dos pais, e, em 20,8% dos filhos. Já Edith Rudin, também citada pelo autor, em 130 casos, encontrou somente em 4,6% dos pais, 2,8% dos irmãos e 1,3% dos filhos.

Segundo Noyes, a neurose obsessiva pode expressar-se sob três formas clínicas:

1. repetição persistente do pensamento intruso e penoso. Alguns pensamentos obsessivos assumem a forma de "loucura da dúvida", caracterizada pela dúvida e vacilação persistentes. Por exemplo, o sujeito fecha a porta antes de deitar-se. Logo que se acomoda vem-lhe a dúvida sobre a segurança da porta. Levanta-se e verifica a fechadura; a porta está realmente fechada. Mas as dúvidas retornam uma in-



finidade de vezes, exigindo novas idas e vindas:

2. urgência mórbida e irresistível de executar um certo ato repetitivo, estereotipado. Se, questionado sobre a razão de seu comportamento, o indivíduo dará uma explicação absurda. Em geral, o paciente experimenta certa resistência de executar o ato, mas a tensão e ansiedade tornam-se tão insuportáveis que obrigam-no a levá-lo adiante. Alguns atos compulsivos consistem apenas em pequenas manobras, no entanto, indispensáveis para afastar a ansiedade decorrente dos desejos e impulsos proibidos;
3. pensamento obsessivamente repetitivo, acompanhado pela compulsão de realizar um ato. Este terceiro tipo é aquele em que a idéia obsessiva é associada com uma compulsão à afetuação de um ato. Um exemplo comum é o medo da sujeira, acompanhado sempre da necessidade imperiosa de lavar as mãos. (15. p. 443)

Coletando a contribuição de diversos autores, Henry Ey, resume os traços essenciais do caráter obsessivo:

1. tendência aos escrúpulos, para abulia e à dúvida;
2. tendência às crises morais de consciência, especialmente na infância e na adolescência;
3. timidez e inibição nos contatos sociais;
4. tendência à introspecção e auto-análise;
5. transtornos de sexualidade, tais como impotência, frigidez;
6. estigmas psicomotores - gagueira, tiques, etc.  
(7. p. 491)

Outro fator também muito observado no neurótico obsessivo é a preocupação com a ordem e sua extrema meticulosidade que, segundo Laughlin, seria uma defesa contra a ansiedade e, em geral, é muito justificado pelo paciente através de racionalização.

O autor lembra que por ter sido muito frustrado na infância, o paciente obsessivo é imensamente vulnerável às ofensas, defendendo-se através de um distanciamento dos outros e apresentando pouco interesse e afeto por outras pessoas. Além disso, dependendo da posição que ocupava na família, sofre de forte sentimento competitivo, de inveja e ciúmes. O obsessivo é uma pessoa com baixa auto-estima, com grande necessidade de prestígio social, como forma de compensação, levando-o a relacionar-se com sujeitos bem sucedidos financeira e profissionalmente.

A evolução da doença, e, nisto concordam os autores, seria progressiva e seu aparecimento mais frequente na época da puberdade. No princípio manifesta-se por temores e preocupações apenas um pouco mais intensos que os experimentados por qualquer adolescente normal. Pode surgir também sob forma de ansiedade difusa, com fobias, preocupações hipocondríacas ou metafísicas. Tem-se encontrado casos de obsessões em crianças de cinco a seis anos, mas a identificação da doença é, nesta idade, bastante difícil - são formas mal configuradas de fobias, escrúpulos, tiques ou pseudo-instabilidade. Os atos compulsivos são muito observados em crianças e adolescentes atuando como cerimoniais expiatórios ou como mágica para se obter a realização de um desejo. (15. p. 444) Geralmente eles desaparecem à medida que diminuem as tensões e vai sendo estabelecido um ajustamento social mais adequado. Certas brincadeiras infantis, como "não poder pisar nas linhas da calçada", "tocar em cada segundo poste", etc. apresentam caráter obsessivo. Não significam, porém, que sejam fenômenos patológicos.

Por sua evolução crônica, o prognóstico de neurose obsessiva não é bom. O final da existência do enfermo é caracterizado por uma espécie de estereotípia automática dos rituais - o tema obsessivo se fixa e se repete com monotonia. Um recente estudo, porém, relatado por Noyes mostra que um grande número de pacientes sofre ataques episódicos

e, são capazes de adaptação social. (15. p. 446)

Diagnosticar a neurose obsessiva não parece tarefa fácil; muitos autores referem-se ao problema. Henri Ey, entre outros, aponta a dificuldade de fazer-se diagnóstico diferencial entre a neurose obsessiva e a psicose esquizofrênica, oriunda, segundo ele, dos obstáculos impostos por conceitos falhos em precisão - tanto os que se aplicam a neurose obsessiva (pensamento compulsivo, ritos, pensamento mágico, etc.), quanto os que caracterizam a esquizofrenia (delírio de influência, alucinações, comportamento catatônico, autismo, etc.). (7. p. 495)

Noyes concorda ser o diagnóstico diferencial com a esquizofrenia incipiente, no momento, bastante difícil - o ritual compulsivo do obsessivo poderia sugerir os maneirismos do esquizofrênico; os simbolismos vistos nos atos compulsivos do neurótico, assim como a natureza das fobias seriam semelhantes aos símbolos encontrados na esquizofrenia. Diz ele não ser raro tornar-se uma nítida reação esquizofrênica, geralmente de tipo paranóide, o que se pensava ser um estado de tensão obsessivo. (15. p. 447)

A mesma dificuldade ocorre em relação à depressão melancólica. Alonso-Fernandez explica a frequente associação da neurose obsessiva com a depressão: em primeiro lugar, as vivências obsessivas, impregnadas de angústia e culpa, e a defesa contra elas, podem favorecer o aparecimento da depressão vital; isto ocorreria com enfermos obsessivos que fazem uma ou várias fases de depressão. Em segundo lugar, uma fase depressiva pode desencadear uma disposição obsessiva que estaria oculta. (8. p. 278)

A diferença fundamental entre a neurose e a psicose parece encontrar-se no maior ou menor distanciamento da realidade. Porém, também no obsessivo o sentido de realidade encontraria-se um tanto alterado, como bem lembra Henri Ey,

sendo difícil para o indivíduo colocar suas ações dentro de uma hierarquia de funções. As de nível mais elevado são quase impossíveis - adaptação social, conduta adequada, eficácia de trabalho, pois as necessidades compulsivas do paciente frequentemente interfeririam seriamente na sua eficiência e produtividade. Em casos extremos, sua preocupação constante com rituais protetores torna-lo-ia socialmente incapacitado. Restariam as ações vazias e incoordenadas. (7. p. 487)

Por outro lado, o obsessivo estaria sempre consciente do caráter patológico de seu transtorno, sustentando contra sua obsessão constante luta. Nunca perderia a capacidade de discriminação entre as experiências subjetivas e a realidade, como na esquizofrenia. A dificuldade de encarar suas fobias e compulsões como absurdas e, particularmente o fato de atribuí-las a influências externas, indicaria uma origem esquizofrênica.

Outros autores, entre eles Henry Laughlin, não fazem qualquer alusão ao aspecto da baixa produtividade atribuída à grande preocupação do enfermo com as necessidades compulsivas. Ao contrário, Laughlin refere-se à eficiência intelectual dos indivíduos obsessivos, referindo-se a eles como cidadãos altamente capazes, respeitáveis e colaboradores. (12. p. 566)

Além destes, diferentes problemas de diagnóstico são apontados. Pode acontecer da síndrome obsessiva, sobretudo em sua variedade psicomotora, como tiques, gagueira, na criança criar sérias dificuldades com relação às síndromes neurológicas, especialmente no caso das mesoencefálicas. As obsessões podem também estar presentes em circunstâncias clínicas diversas. Manifestam-se em momentos críticos, nos indivíduos normais, tais como menopausa, gravidez, enfermidade prolongada, ou na convescência difícil. Além disso aparece em diferentes psicoses e enfermidades orgânicas do

sistema nervoso.

Numa tentativa talvez de resolver o impasse da falta de maior precisão das características do obsessivo. Laughlin afirma ser o diagnóstico de uma neurose obsessiva feito com segurança quando os sintomas obsessivos são os traços mais proeminentes de uma doença emocional ao nível neurótico.

Em resumo, podemos dizer ser a neurose obsessiva um estado marcado pela compulsão de idéias e comportamentos que se impõem contra a vontade do sujeito. Estão sempre ligados a forte ansiedade e a não execução dos atos compulsivos coloca o indivíduo numa situação altamente angustiante, acarretando pressentimentos, superstições. Uma pessoa pode achar, por exemplo, que caso não verifique várias vezes o controle de saída do gás do fogão, sua família morrerá intoxicada. Os cerimoniais tornam-se obrigatórios como forma de afastar o pensamento penoso, restabelecendo a tranquilidade perdida. Porém, como lembra Freud, conseguem apenas um deslocamento de ansiedade e não sua anulação.

Em geral o paciente obsessivo é uma pessoa muito meticulosa, preocupada com ordem e limpeza. Tímido e retraído com dificuldade de relacionamento. O tratamento psicoterápico seria, por este motivo, pouco eficaz, pois raramente consegue o cliente estabelecer um bom relacionamento com o terapeuta.

A propósito das causas da enfermidade, é difícil definir-se precisamente o que levaria um indivíduo a desenvolver uma neurose obsessiva - a problemática sexual não é aceita por muitos autores e, muitas vezes, nem mesmo é mencionada. Por outro lado, o mau relacionamento precoce com os pais ao qual referem-se outros, não fornece grande orientação, já que este é um problema comum em toda doença mental.

### III - A NEUROSE OBSESSIVA SEGUNDO FREUD

A compreensão dinâmica da neurose obsessiva é indispensável ao nosso estudo, fazendo-se necessário conhecer o que oculta o comportamento manifesto do indivíduo obsessivo. Desta forma, esperamos extrair elementos que nos proporcionem condições de melhor entendimento de sua comparação com a religião.

Por ter sido Freud quem enfatizou os pontos comuns existentes entre a neurose obsessiva e a religião, deter-nos-emos apenas no seu ponto de vista.

Segundo sua classificação, a neurose obsessiva juntamente com a histeria integra o grupo das psiconeuroses que se caracterizam por um conflito intrapsíquico estruturado sobre fixações sexuais infantis. O ponto de partida do processo patológico é sempre uma recordação relativa a uma experiência sexual precoce, ocorrida antes da criança ter atingido a maturidade sexual. A lembrança do fato só é ativada durante ou após a puberdade quando se desenvolve a reatividade dos órgãos sexuais. É, então, vivida como se fosse presente. A diferença básica entre a histeria e a neurose obsessiva, encontra-se no fato de que na primeira a situação foi vivida com temor ou mesmo indiferença, enquanto que na segunda houve prazer e uma ativa participação. (9. vol. I p. 200) Em "História de uma Neurose Infantil", Freud mostra como o paciente não se manteve passivo frente à sedução da irmã. Ao contrário, participou ativamente, mostrando-se agressivo e, querendo vê-la nua. (9. vol. II p. 790)

A primeira medida a ser tomada frente ao trauma, numa tentativa de afastar da consciência qualquer recordação, é a repressão. A defesa pode fracassar, retornando toda a situação reprimida; a lembrança chega, no entanto, bastan-

te alterada.

A neurose obsessiva pode tomar duas formas, segundo o mecanismo utilizado pela repressão. Na primeira forma, ao invés de simplesmente haver um esquecimento do fato, a repressão despoja-o de sua carga afetiva. Permanece na consciência apenas um conteúdo ideológico indiferente e insignificante, atreindo toda a atenção da pessoa. Ao invés da punição é sentido como afeto um vago desprazer. O conteúdo conscientizado apresenta-se duplamente deformado com relação à situação motivadora - o passado é substituído por algo atual e o sexual por algo análogo não sexual. Tal conteúdo destituído de seu verdadeiro afeto não desempenha qualquer papel na atividade mental do indivíduo, possibilitando, inclusive, a comunicação do verdadeiro motivo de seu comportamento estranho. A pessoa não faz conexão entre seu comportamento e o respectivo motivo. Para exemplificar citamos o caso relatado por Freud de um paciente seu - esta pessoa pagava-lhe sempre com notas impecavelmente limpas e sem dobras. Como fosse funcionário público, pensava Freud que as notas fossem diretamente recebidas das caixas do Estado, comentando isto com o paciente. Surpreendeu-se quando este lhe revelou não serem absolutamente notas novas. Tinha remorso de entregar a alguém notas sujas, possivelmente cheias de micróbios. Costumava, por isso, limpá-las e passá-las a ferro antes de qualquer pagamento. Nesta hora supondo uma ligação entre a obsessão e a vida sexual do sujeito, indagou-lhe Freud a respeito. Respondeu que sendo aceito como velho parente em muitas casas, de vez em quando convidava as moças da casa para um passeio. Nestas ocasiões sempre ajeitava a situação de modo a perderem o último trem e serem obrigados a pernoitar no lugar. Entrava num hotel e pedia dois quartos interligados. Quando a jovem se deitava entrava em seu quarto e a masturbava. Quando Freud perguntou-lhe se acaso não temia infectar as moças com os micróbios de suas mãos, o paciente indignou-se, não tendo sido capaz de perceber qualquer elo com o seu atual comporta-

mento.

A outra forma assumida pela doença é quando o que chega à consciência não é o conteúdo, mas o afeto correspondente à punição, a qual foi também reprimida. Transformado, por meio de manobras psicológicas em qualquer outro afeto desagradável, pode tornar-se consciente. Assim, aquela punição originada da participação na experiência sexual de infância, apresenta-se agora como vergonha, como medo hipocondríaco das possíveis consequências físicas do ato, etc. Por exemplo, Freud relata o caso de uma jovem que isolou-se totalmente por causa de um medo obsessivo de necessitar urinar. Não saía de seu quarto nem recebia visitas sem ter antes urinado inúmeras vezes. Certa vez, no teatro, foi tomada de intenso desejo amoroso por um rapaz de quem gostava; a situação acompanhou-se de poluição. Sentiu neste momento forte vontade de urinar substituindo, assim, o desejo amoroso.

Concomitante ao retorno do fato reprimido, conseqüente do fracasso da repressão, o ego vai tentar defender-se das ramificações destas recordações. Cria nesta tentativa medidas preventivas também chamadas por Freud de Defesas Secundárias. Surtindo efeito, a obsessão transfere-se as próprias medidas preventivas, originando uma terceira forma de neurose obsessiva: os atos obsessivos. Eles podem classificar-se de acordo com sua tendência em: medidas de penitência - cerimoniais penosos, contagem de números, orações, etc.; medidas de preservação - superstições, escrúpulos, fobias, etc.; medidas contra o medo de delatar-se - coleção cuidadosa de todo papel escrito, isolamento, etc. (9. vol. I. p. 224)

Os cerimoniais parecem destituídos de qualquer sentido. O próprio sujeito que os coloca em prática não sabe o porque. No entanto, a menor falta é motivo desencadeador de insuportável estado de angústia. Um certo indivíduo, após



escrever uma carta colhia compulsivamente todos os papéis que via. Outro, devia antes de deitar-se tomar várias providências como colocar a cadeira numa determinada posição ao lado da cama; a roupa sobre ela, naturalmente dobrada de certa forma. A colcha deveria ser sempre dobrada do mesmo modo, assim como o lençol, e ele próprio ao deitar-se devia adotar uma certa postura. Num outro caso, o sujeito precisava lavar as mãos duas vezes antes de sair de casa; caso considerasse que estivessem absolutamente limpas, obrigava-se a lavá-las mais duas vezes até sentir-se perfeitamente satisfeito.

Por mais imotivados que pareçam ser estes comportamentos eles guardam um sentido, passível de compreensão através de investigação psicanalítica. No exemplo da moça que colhia papéis, ficou demonstrado pela análise que esta atitude era devido a um terrível medo de revelar o nome de seu secreto amor, o qual repetia sem cessar, mentalmente. Em "Análise de um caso de neurose obsessiva", Freud relata um fato ocorrido com seu paciente que em determinada fase começou a apresentar impulsos suicidas. Na verdade, verificou-se tratar de manobra defensiva contra a idéia de assassinar a pessoa que se impunha como barreira entre ele e a mulher amada. Melhor dito: a idéia "queria assassinar esta velha que me atrapalha" transformou-se em "mate-se você para castigar-se de tais impulsos coléricos e assassinos". Numa outra ocasião o impulso suicida reapareceu de forma muito camuflada. Encontrava-se numa estação de verão, quando se deu conta de estar muito gordo. Resolveu emagrecer levantando-se da mesa antes de terminada a refeição, correndo sob sol intenso, escalando montanhas, até cair de cansado e totalmente suado. Além disto, apresentou, certa vez, sem qualquer subterfúgio, impulso de atirar-se num precipício. A explicação para estes atos obsessivos é que nesta mesma época achava-se no lugar a mulher a quem amava acompanhada de um rapaz que a cortejava, suscitando nele intensos ciúmes. O impulso suicida escondia

na realidade, impulsos homicidas dirigidos ao rival. (9.vol. II. p. 729)

O conflito entre amor e ódio, outra característica comum da neurose obsessiva, evidencia-se também neste paciente - certa vez passeando, viu-se impelido a afastar uma pedra na qual tropeçara. Lembrara-se que dali a instantes a mulher amada passaria por aquela rua de carro; poderia o carro bater na pedra e virar, colocando em perigo a vida da amada. Logo após, parecendo-lhe ridículo tal pensamento, recolocou a pedra na posição em que se encontrava. O conflito entre amor e ódio, orientados para a mesma pessoa estaria, neste caso, representado no fato de afastar a pedra do caminho, impedindo a possibilidade de acidente e, de anular o ato recolocando o obstáculo tido como perigoso. (9. vol. II. p. 731)

Os atos obsessivos em dois tempos, cuja primeira parte fica anulada pela segunda são típicos desta enfermidade, segundo Freud. Corroborando esta afirmação, é curioso observar o fato de certas compulsões serem executadas em número par - lavar 4 vezes as mãos, bater duas vezes na madeira para isolar algum mal, etc.

Além dos aspectos referidos, revela-se também nos exemplos citados, enorme onipotência com relação a pensamentos e sentimentos - o simples fato de pensar que o carro pudesse virar, bastava para tornar-se realidade; no ato de lavar as mãos duas vezes pode estar contida a única possibilidade de salvar o mundo. A expressão "onipotência das idéias", foi utilizada primeiro por um paciente de Freud, querendo explicar os inquietantes fenômenos que o afligiam. Bastava pensar numa pessoa para encontrá-la, como se a tivesse invocado. Quando sem querer maldizia uma pessoa, vivia depois o martírio de poder receber a notícia de sua morte. O doente somente atribui eficácia ao intensamente pensado e representado afetivamente, considerando secundário sua coincidência com a realidade. Além disso, há um tom su

persticioso em todas as suas atitudes - a menor falta na execução do ato que esteja desenvolvendo, traz-lhe terrível inquietação, indicadora de que algo ruim irá acontecer caso não seja corrigido o erro. Esquecer de verificar se todos os sapatos estão em posição correta, antes de dormir pode causar a morte de um ente querido. A onipotência das idéias e a superstição, seriam a tônica da neurose obsessiva.

Neste particular, tal como foi apontado em Totem e Tabu, a neurose obsessiva guardaria grande semelhança com o pensamento do homem primitivo, pois estas mesmas características seriam os princípios regentes da magia, ou seja, técnicas do pensamento animista. Além destes aspectos, querendo-se comparar a neurose obsessiva à mentalidade mágica, devem-se considerar as proibições tabu. A analogia entre as interdições que se impõe o neurótico obsessivo e os tabus dos primitivos seria tão forte, a ponto de Freud asseverar que "quem se achar familiarizado com a parte inconsciente do psiquismo, após breve reflexão, dá-se conta de conhecer o fenômeno do tabu; poder-se-ia, inclusive chamar esta neurose de 'doença do tabu'" (9. vol. II p. 525)

Segundo Freud, a primeira e mais evidente aproximação das proibições obsessivas com o tabu, seria a ausência total de motivação e o desconhecimento de sua origem - num belo dia aparecem sem mais nem menos e, desde então, o indivíduo vê-se obrigado a cumprí-lo sob pena de ser tomado de intensa angústia; assim como ocorre com a violação de um tabu, a não obediência da proibição acarretaria uma desgraça. Em virtude deste fato, uma paciente sua, exigira que o marido devolvesse um objeto comprado em determinada rua, cujo nome era o mesmo de uma antiga amiga sua com a qual não queria ter qualquer relacionamento. Um outro indivíduo recusava-se a escrever com uma caneta idêntica a que possuía um parente seu, morto em decorrência de grave doença infecciosa. Ainda outra pessoa jamais permitia-se

ingerir certo alimento, pois sabia de alguém que sofrera colapso cardíaco durante uma refeição que se constituía deste mesmo alimento. Percebe-se nestes exemplos as características de contagiosidade e transmissibilidade, qualidades inerentes ao tabu.

Além disso, as proibições obsessivas, assim como as proibições tabu impõem enormes privações a vida do indivíduo. No entanto, no caso de uma falta, ou seja, da violação do tabu, existem cerimoniais adequados que anulam seu efeito. Aqui, porém, cabe a nosso ver assinalar uma diferença entre o que ocorre com o indivíduo enfermo e o que acontece com o primitivo - as interdições e cerimoniais para o primeiro, tornam aos poucos impossível sua vida, afastando-o cada vez mais do convívio dos demais. O mesmo já não se dá com o segundo, onde a observação do tabu é imprescindível não só para o seu próprio bem estar, como também para o de seu grupo - "um chefe maori não tentará jamais reanimar o fogo com seu sopro, pois seu sopro sagrado comunicaria sua força ao fogo, o fogo à vasilha colocada sobre ele, e vasilha aos alimentos que nela cozinham e os alimentos à pessoa que os consumirá, trazendo consigo a morte da pessoa que tivesse comido os alimentos preparados na vasilha aquecida pelo fogo reanimado com o sopro do chefe sagrado e perigoso". (9. vol. II p. 526).

Para tornar mais claro os pontos de coincidência dos sintomas obsessivos com as proibições tabu, Freud resume-os em quatro itens:

1. falta de motivação das prescrições
2. sua imposição por uma necessidade interna
3. possibilidade de deslocamento e contágio
4. cerimoniais e prescrições emergentes das próprias proibições.

O délire de toucher, ou seja, o tabu do contato, principal proibição da neurose obsessiva, seria fruto da atitude ambivalente do indivíduo com relação ao objeto proibido. Para exemplificar, Freud descreve o caso de um paciente que desde a infância manifestava grande prazer em manipular seus genitais. A realização desta ato foi proibida à criança e, esta prontamente atendeu. Contudo, a proibição não suprimiu a tendência, continuando esta a existir no inconsciente. Ficou, assim, criada uma fixação psíquica e todo desenvolvimento da neurose deriva-se do conflito entre a proibição, fato claramente consciente e a tendência, absolutamente inconsciente. Portanto, o caráter obsessivo da proibição estaria diretamente vinculado ao desejo oculto, insatisfeito. Este fato constituiria a base do tabu, isto é, a renúncia de um desejo.

Resumindo o que foi dito, a neurose obsessiva estaria sempre estruturada sobre algum trauma infantil, de origem sexual, que foi reprimido. Na puberdade, o fato força seu retorno à consciência, chegando porém de forma alternada. Cria-se, então, um conflito pela não aceitação do acontecimento traumático. Consequentemente, cerimoniais, proibições são desenvolvidos e executados numa tentativa de afastar a lembrança da consciência. Tais cerimoniais revelam a grande onipotência das idéias da pessoa obsessiva, acreditando que simplesmente através da realização de um ato mágico conseguirá a anulação de seus pensamentos. O comportamento obsessivo é amplamente utilizado por Freud para compreender a natureza do tabu no homem primitivo e, como veremos adiante será também usado como modelo para o entendimento do fenômeno religioso.

#### IV - RITUAL E RELIGIÃO NUMA PERSPECTIVA ANTROPOLÓGICA:

As semelhanças entre o pensamento do homem primitivo e aquele do neurótico obsessivo foram apontadas por vários autores. Visto o papel dos cerimoniais para os segundos, impõe-se a necessidade de considerações acerca do significado e função dos ritos para os primeiros.

Na visão mágica do mundo o eu exerce sobre a realidade um domínio quase sem limites. A quebra de fronteira entre sujeito e objeto levaria o homem a uma atitude volitiva; submetendo toda realidade ao seu desejo, este se constituiria a primeira força que permitiria ao homem opor-se às coisas como ser particular e autônomo. Nada existe e nada acontece que não deva acomodar-se à onipotência do pensamento, ultrapassando todas as diferenças, sejam elas espaciais ou temporais. As fronteiras entre o antes e o depois confundem-se. O Eu acredita possuir o instrumento que lhe permite submeter sob seu poder a totalidade do mundo exterior; os objetos não têm qualquer independência ontológica e o homem sempre pode lançar mão, através de meios mágicos adequados de poderes espirituais, superiores ou inferiores, utilizando-os para seus próprios fins. Os Bambara, povo africano, concebe o mundo como um conjunto de forças ativas, do qual o homem faz parte. Graças a certas técnicas, entre as quais a mais importante é o sacrifício, o homem pode acumular ou liberar estas forças, dirigí-las e orientá-las, misturando-se ao movimento do mundo e ajudando-o, desta forma, em sua realização. (17)

Os ritos e tabus bem expressam esta característica do pensamento mágico; entre os Bantous, por exemplo, quando a prolongada seca queima a colheita pergunta-se qual tabu foi transgredido, tendo impedido a chuva cair. Frequentemente, descobre-se ter uma mulher cometido aborto. Da mesma forma, a eficácia do ritual está diretamente relacionada com a

personalidade do feiticeiro. Na Nova Caledônia, ilha da Oceânia, o "fabricante" de chuva utiliza pedras mágicas, derrama água numa bacia e agitando os braços untados de tinta preta, possivelmente simbolizando nuvens carregadas, pronuncia palavras mágicas, que farão chover. Também pronunciando uma fórmula mágica ele pode dispersar as nuvens, impedindo a chuva.

Os ritos de passagem podem, igualmente, serem interpretados como uma maneira de dominar o mundo. As mudanças constituiriam situações estranhas e, portanto, cheias de perigo. Mircea Eliade mostrou o futuro como um elemento de angústia para a consciência primitiva. Quando um indivíduo nasce, automaticamente entra na categoria dos vivos; depois, deixa a classe infantil para penetrar na adulta; a sociedade dos solteiros para a dos casados. Finalmente, abandona o mundo dos vivos para o dos mortos. Todas estas mudanças são naturais e não acarretariam problemas não fosse a passagem entre uma e outra situação, quando então o indivíduo se encontra marginalizado, sem a proteção das regras que regem cada estado. A passagem constitui-se, pois, um verdadeiro trauma. Justamente neste momento surgiria o rito de passagem - repetindo o acontecimento, simbolicamente, o homem teria a ilusão de dominá-lo, tornando-o, ao mesmo tempo, mais suportável.

Com relação ao nascimento, por exemplo, substitui-se o verdadeiro acontecimento pelo nascimento ritual e, por vezes a criança é tratada como se não tivesse ainda nascido. O acontecimento dar-se-á, de fato, somente quando se tiverem cumprido os ritos que a integrarão ao mundo dos vivos. A agregação a este mundo decompõe-se em cerimoniais para os diversos círculos sociais nos quais viverá a pessoa - família, comunidade religiosa, etc. Em algumas sociedades, mais frequentemente é a atribuição do nome que marca a entrada verdadeira dentro do sistema social. Receber um nome é começar a existir enquanto ser humano. Em outras, en

tretanto, pode ser um diferente ato ritual o expressivo da admissão do recém-nascido no círculo dos vivos - furar as orelhas, cortar os cabelos pela primeira vez, etc.

Outro exemplo é o enterro do morto, rito que visa, sobretudo, passar o ser de um a outro estado. Na Melanésia diz-se que o indivíduo passa do estado "toa" ao estado "mate". Este, além de ser o estado do sujeito morto, é também daquele gravemente enfermo, que já deixou a classe dos vivos. É importante esclarecer que estes ritos são bem diferentes daqueles que visam provocar um acontecimento. Aqui repete-se um fato já ocorrido; a repetição simbólica do acontecimento atenua o choque por ele produzido. Deste modo, quando um melanesiano constata estar seu pai muito doente, portanto, distante já do mundo dos vivos, ele o enterra. Realizando simbolicamente a entrada do ente querido no mundo "mate", o filho anula o trauma do acontecimento.

Mas a doença nem sempre é considerada como a própria morte. Ela pode ser tida também como um período marginal, cujo começo e fim e, principalmente este, exige rito de reintegração após a cura. A repetição, neste caso, tem dupla função: permite dominar a mudança, e, manter a separação entre os diferentes estados - o de saúde, normal, e o de doença, impedindo a contaminação de um pelo outro.

Portanto, é por meio do desejo que o homem constrói um mundo para si. Através dos ritos domina a realidade, ao mesmo tempo que passa a compreendê-la melhor. Além disso, o desejo é a força propulsora que leva o homem a modificar o mundo, impedindo-o de aceitá-lo passivamente.

O axioma da lógica que diz: "eu sou eu e não o outro, e, que este outro é um outro e não eu", é inconcebível na mentalidade mágica, já que os contornos entre os fenômenos tornam-se difusos, não havendo linha de demarcação nítida entre o eu e o mundo que está ao redor, nem en



tre os diferentes seres deste mundo. Isto torna claro o fato de, entre os índios, o pai de um recém-nascido permanecer em casa durante a primeira semana que segue o seu nascimento e, sair somente na segunda para os bosques, procurando não se afastar muito para que a criança não se perca. É preciso ressaltar, contudo, que apesar de todas estas precauções, o recém-nascido encontra-se em casa com a mãe; e, esta fica proibida de se afastar da criança. O pai, algumas vezes, nem mesmo a viu ainda.

Num outro exemplo, um índio discutia com uma pessoa acerca da indenização que esta lhe devia pelo roubo de abóboras de seu jardim. O acusado tentava argumentar que por se encontrar a 100 milhas de distância do lugar onde se dera o roubo, não poderia ser ele o responsável. Somente após algum tempo de discussão pode ele compreender que o fato tinha ocorrido durante um sonho do índio - ele vira o acusado entrar em seu jardim e levar de lá algumas abóboras. Existia, para ele, dois indivíduos ao mesmo tempo em lugares bem opostos; o acontecimento era, portanto, bastante inteligível e real. Para a mentalidade mágica o sonho não é separado do estado de vigília. As fantasias noturnas misturam-se naturalmente às experiências da vida.

Em muitas sociedades primitivas, o sonho fornece soluções aos problemas da comunidade. Por exemplo, o sonho durante o qual o indivíduo vê suas entranhas arrancadas e um fragmento de quartzo mágico ser introduzido em sua carne, consagra o feiticeiro. Em outras, é o sonho que revela o totem individual no decorrer das cerimônias de iniciação determinando, assim, o estatuto social da pessoa.

Voltando ao exemplo do índio, pode-se observar nele a ausência da lei da contradição, fundamental para o pensamento lógico. A incompatibilidade das proposições: o acusado encontra-se no lugar A ao mesmo tempo em que se encontra no lugar B, não se constitui uma impossibilidade lógica na menta

talidade mítica. Somente o pensamento conceitual não tolera incompatibilidades, pois para classificar os fatos necessita fazer inclusões e exclusões.

Van der Leeuw encontra a origem da ausência da contradição não numa simples confusão de idéias, mas na maneira como a mentalidade mágica ordena os objetos de sua experiência, ou seja, na lei da participação. (21. p. 41) Pela definição de Lévy-Bruhl, trata-se de um comportamento segundo o qual os objetos, seres e, fenômenos, podem, de modo incompreensível para nós, ser ao mesmo tempo eles mesmos e outras coisas. O Eu constitui-se ao mesmo tempo de inúmeros seres, encontrando-se muito longe o limite de identidade. Quando um indivíduo vê seu corpo e a sombra que o acompanha não tem nenhum motivo para separá-los; seu corpo e sua sombra são parte de um mesmo todo. O ser humano prolonga-se em sua sombra, da mesma forma que a cabeça se prolonga nos cabelos, como o braço nos dedos e unhas. Existe, assim, uma estreita participação entre o ser e seus pertences - o que é dado, pensado ou sentido em primeiro lugar, então, não é o ser sem seus pertences e os pertences enquanto existem separados deste ser, mas o conjunto.

Quando um empregado representa seu chefe numa cerimônia oficial, ele age e fala como acha que aquele o faria, indicando assim haver uma identificação de interesses e idéias. Jamais ele poderia responder questões acerca de sua vida particular. Poderia sim, defender-se satisfatoriamente de alguma crítica com relação ao seu trabalho, mas se acusam o chefe de ser marido pouco dedicado, ele não poderá responder. A identificação com o outro é parcial e ocasional; para o pensamento místico, representação é identidade - no uso da máscara durante danças rituais, os participantes identificam-se através delas com os deuses e espíritos. Eles os são realmente e, por meio destas danças obtêm, como resultado, a fertilidade, a chuva, ou a caça. A prática do "envoûtement" baseia-se também neste princípio. Querendo-se

causar mal a algum inimigo, fabrica-se um pequeno boneco que o represente. Então, enfiando-se um alfinete em qualquer parte do boneco, atinge-se a vítima no lugar correspondente.

Dos exemplos citados, extrai-se uma outra característica do pensamento mágico muito ligada ao princípio da participação - o princípio "pars pro toto", segundo o qual a parte não é menos que o todo, sentida ou apreendida como um fragmento do todo, mas é o próprio todo - as unhas, os cabelos, são a pessoa assim como sua imagem ou seu nome. Dizer "isto simboliza", é o mesmo que dizer "isto é". Por exemplo, a imagem não simboliza Deus, mas é o próprio Deus. A parte é o todo, agindo e funcionando como tal; eles encontram-se intimamente entrelaçados e permanecem desta forma mesmo que separados. O talismã é realmente um objeto mágico. Serve para trazer sorte, mas seu verdadeiro valor depende, sobretudo, da pessoa que o fabrica ou que o possui. Entre os esquimós, quando um homem não tem sorte na caça ou com a mulher, caçoam dele dizendo que seus amuletos e talismãs estão sem valor porque lhes foram dados por alguém sem poder de comunicação com o sobrenatural. O poder do indivíduo estaria contido no objeto que lhe pertence.

Aquele que possuir uma parte do corpo de um homem, por mais insignificante que seja - sua sombra ou seu reflexo no espelho, é dono do próprio sujeito e pode exercer sobre ele uma violência mágica. Isto é, aquilo que, mesmo após a separação ameaça a parte, afeta também o todo. Abandonar os restos de uma refeição, ou os ossos do animal que se comeu pode representar grande perigo, porque tudo o que acontecer a estes restos, através de influências mágicas hostis acontece também a refeição que se encontra no organismo da pessoa que a tomou e, daí a ela própria. Os cabelos de uma pessoa, suas unhas, excrementos, devem ser escondidos ou enterrados, ou consumidos pelo fogo para que

não venham a cair nas mãos de algum feiticeiro inimigo. Em algumas tribos indígenas coloca-se a saliva do inimigo, caso se tenha conseguido um pouco dela, dentro de uma batata que se pendura numa chaminé; à medida que seca a batata, sob efeito da fumaça, definham-se as forças do inimigo. Em certa tribo africana, a mulher que queira vingar-se de um homem, toma um pouco de sua saliva. Coloca-a dentro de uma panela para ferver junto com outros produtos mágicos que tornam o resultado eficaz. Durante o cozimento, ela mexe o líquido com um instrumento especial. Depois, quebra a panela e, neste mesmo momento, se todas as prescrições foram rigorosamente cumpridas, a vítima cai morta; sua língua e garganta devem estar queimadas.

Aquele que possua a imagem ou o crânio do chefe morto, tem em suas mãos a sorte de toda a tribo. Igualmente, a palavra e o nome não têm simplesmente função de representação, mas encerram o próprio objeto com suas forças reais. A palavra e o nome não designam ou significam - elas são e agem. Deste modo, catástrofes e perigos são afastados através de cantos, apelos e gritos. Van der Leeuw diz que a palavra é um talismã; ela desperta o poder, perigoso ou benfeitor e, elementos tais como a voz, a entonação, etc. adicionam a ela maior energia. A palavra é um poder que decide; quem quer que as pronuncie coloca poderes em movimento. É aqui onde o domínio da realidade através da vontade experimenta toda sua força, fato principalmente observável na oração, quando o homem estabelece com Deus um diálogo visando a obtenção de algo.

Cassirer cita a respeito da estreita ligação que existe entre o nome e a pessoa uma passagem da Poesia e Verdade de Goethe: "O nome próprio de um homem não é como um casaco que o abriga e que se pode sempre puxar e arrancar, mas uma vestimenta perfeitamente adaptada, assim como a pele que o recobre inteiramente e que não se pode arranhar ou machucar sem se ferir a própria pessoa". (2.p.63) Mas segundo Cas-

sirer, para o pensamento místico, o nome é ainda mais que esta pele: o nome exprime o interior do homem, aquilo que ele possui de mais essencial; o nome é exatamente este interior. O nome e a palavra, neste ponto, confundem-se. É sabido que na época do império romano, os escravos não possuíam nome, já que juridicamente não tinham personalidade. Este fato talvez explique a importância do nome no rito do nascimento - antes de receber nome é como se a criança não tivesse ainda nascido.

A concretização e materialização de estados ou qualidades do indivíduo é outra consequência imediata da quebra de barreira entre sujeito e objeto. Mesmo o que no pensamento científico existe como simples propriedade, como um estado dependente da coisa, adquire no pensamento mágico substancialidade, tornando-se, pois transmissível. A desgraça que se abate sobre uma comunidade pode estar relacionada a um único indivíduo e, desta forma, ser afastada através do seu sacrifício. O sujeito criminoso pode, por exemplo, ser jogado ao mar em companhia de uma serpente, uma galinha e um cachorro que serão os únicos seres por ele contaminados; o resto da comunidade estaria a salvo. Pode-se também fazer desaparecer uma maldição transmitindo-a a uma andorinha e, deixando-a livre - ela afastará o perigo em seu voo.

Nestes exemplos estão contidos os dois princípios sobre os quais repousam o "rito do bode expiatório", que é um rito de purificação. Os dois princípios são: o da transferência e o da eliminação. Quando o ser carregado de maldição não pode ser identificado, escolhe-se ad hoc um homem ou um animal que será eliminado. Em Baganda, antes de um novo rei subir ao poder, todas as impurezas devem ser suprimidas. Para isto, utiliza-se como bode expiatório um prisioneiro; ele é enviado à fronteira com o país vizinho, juntamente com uma vaca, um bode, um cachorro e uma galinha. Além disso, junta-se à bagagem as cinzas do rei

anterior e restos de sua casa. Chegando lá, corta-se as pernas do homem e as patas dos animais a fim de que <sup>nao</sup> possam retornar. Deste modo a desgraça é eliminada do reino.

O mal é algumas vezes concebido sob a forma de um demônio. Ele pode ser expulso ocasionalmente, por exemplo, num período de epidemia, ou anualmente. Muitos povos adotam a segunda forma. Os Dusun, povo de Borneo, possuem um ritual denominado "mobog" - todo ano, uma procissão ruidosa de mulheres, precedida de tocadores de tambor, percorre as aldeias do lugar, a fim de expulsar os demônios e maus espíritos. Uma delas carrega um porco; com seus gritos, ele deve atrair os demônios que são arrastados pela procissão até um rio. Lá, eles são condenados a embarcar numa canoa que segue a corrente do rio. (3.p.114)

Muitos ritos de morte tem por objetivo afastar a possibilidade de contágio, já que ela é tida como transmissível. O contágio se estenderia a tudo que tenha pertencido ao morto; todos aqueles que tocaram-no são atingidos. A solidariedade entre os parentes e o morto tornam os primeiros tão perigosos (impuros) quanto o segundo. Por isso eles se diferenciariam através de vestes especiais e cumpririam tabus particulares. Esta é uma forma de tornar aparente seu estado indicando as outras pessoas que devem manter-se afastadas. Em Marrocos, durante dois meses proíbe-se ao indivíduo em luto lavar-se, fazer a barba ou cortar as unhas. Esta prática indicaria que o indivíduo não estaria numa condição normal.

A falta de demarcação entre sujeito e objeto, característica da mentalidade mágica mais evidentemente encontrada nos povos primitivos, colocaria o homem como centro do mundo. Esta premissa leva-nos à conclusão de que o mundo externo não poderia ser vivenciado como algo ameaçador, provocador de angústia e insegurança.

Conforme a tese proposta por Cazeneuve, o homem, diante de sua condição de instabilidade teria sido levado a desenvolver rituais, regras, tabus, que o colocariam numa situação estável, sem angústias.

Não discutimos a validade desta hipótese quando aplicada ao homem angustiado, ao patológico. Ela passa a ser discutível, a nosso ver, no que se refere à sua aplicação ao homem normal, e também ao aculturado. Para estes, o rito seria uma forma de aproximação e compreensão do mundo. Citando Mircea Eliade, percebemos o rito como fator de integração do ser humano a sua própria natureza - "...todo ato religioso, seja um rito, a citação de um mito, de um canto secreto, a confecção de um instrumento sagrado, etc., não é senão a repetição de um acontecimento passado na origem dos tempos; ou melhor, a cópia de modelos revelados à tribo pelos seres sobrenaturais. Por outro lado, todo indivíduo é fundamentalmente um ser espiritual... Entretanto, ele não conhece sua natureza real que lhe deve ser revelada pelos ritos de iniciação. Pode-se, então, dizer que a iniciação reinstala o jovem australiano num modo de ser espiritual que, originalmente era o seu". (5. p. 91) Adiante ele acrescenta que os ritos de iniciação australianos constituíam uma introdução progressiva do jovem ao mundo sagrado - primeiro tirando-o do mundo profano de sua infância, onde existia sob autoridade da mãe e, depois, dando-se-lhe conhecimento de uma história santa que lhe permitirá compreender sua própria identidade espiritual.

Portanto, os atos rituais teriam como objetivo, dentro desta perspectiva, colocar o sujeito em contato com sua própria realidade. A iniciação, por exemplo, implicaria numa preparação para a vida, mostrando ao homem seu verdadeiro lugar no universo tal como é concebido por sua tribo.

A posição de Roger Bastide, aliás, vem bem de encontro a esta colocação, quando critica a interpretação de G. Rohm e a de Th. Reik a respeito da iniciação. Para o pri -

meiro, a iniciação australiana transferida a libido da mãe para os irmãos, constituindo uma técnica da homossexualidade; para o segundo, esses ritos teriam como função desviar a libido inicialmente centrada na mãe, dirigindo-a para as outras mulheres. Em ambas as interpretações, a iniciação consistiria numa liquidação de Complexo de Édipo, no momento em que poderia tornar-se perigoso. Entretanto, lembra Bastide, é preciso observar variar a ocasião da iniciação segundo diferentes povos, entre o sétimo dia e o vigésimo ano de vida. Ora, diz ele, no sétimo dia, a criança se encontra ainda na fase oral, e aos vinte o Complexo de Édipo já está há muito liquidado. Para o autor, este cerimonial não teria como objetivo assinalar a passagem da sexualidade pré-genital para a genital. Mas, representaria a passagem do estado de membro de um círculo familiar para o de membro de uma comunidade social. A escola-selva, acrescenta ele, seria equivalente às escolas de nossa civilização, embora existe uma diferença: ali não se ministram apenas ensinamentos, formam-se também caracteres. (l.p.248). O casamento seria o ápice dos ritos iniciáticos que termina a ligação do indivíduo a sua coletividade atribuindo-lhe uma nova função social - a de genitor. Sendo o ponto máximo de tais cerimônias, o casamento é uma festa - pode ser apenas das duas famílias que estão se unindo, como de grupos maiores. De qualquer forma todos, tanto os pais quanto os outros membros da tribo, participam da alegria, dada a grande importância do acontecimento do grupo.

Além de se destinarem a agregação do indivíduo ao seu grupo, os rituais religiosos visam também a organização social. A onipotência das idéias não é a única característica que define a magia. Realmente o narcisismo estaria na origem dela; apenas, não atua livremente; funciona num quadro institucional associado à distribuição dos alás nos territórios. Enfim, a magia pode ser definida como a onipotência das idéias, mas é preciso lembrar serem estas também impostas pela tradição - "em suas realizações institucio-



nais, o narcisismo alia-se à distribuição dos homens no interior da estrutura tribal". (l. pag. 24) Existiria uma divisão social dos ritos mágicos. Assim, o clã conhecedor dos segredos da chuva não poderá agir sobre o sol e o que expulsa o vento leste é ineficaz contra o vento oeste.

Referindo-se ao grande poder de absorção do indivíduo pela sociedade, Bastide mostra, por exemplo, como o homossexual é transformado em profeta ou sacerdote. Por fugirem às normas eles manteriam relações mais estreitas com o divino, que estaria acima de toda e qualquer regra. Desta forma, graças a sua maior facilidade de ligação com o sobrenatural, estariam em melhores condições de prestar serviços ao grupo, e, todo aquele bem organizado deverá guardar-lhes um lugar. Também os instintos incestuosos e parricidas podem encontrar um lugar qualquer na sociedade. Em algumas tribos sul-africanas, quando um homem quer adquirir resistência às balas inimigas, é obrigado a cometer incesto com sua irmã. Em Nkomali, os caçadores de hipopótamo devem se deitar com as próprias filhas, se quiserem ter boa caçada. Em outras ocasiões, impõe-se a necessidade do tabu sexual; por exemplo, quando os homens estão caçando ou pescando, a relação sexual, tomada como sinal de união humana, deve ser cortada, pelo menos em parte, para que os laços entre a natureza e o indivíduo possam ser estabelecidos. Igualmente, quando existe doença, deve-se cumprir o tabu, representando a repulsão do grupo à enfermidade, considerada como perigo para a coletividade.

Enfim, podemos concluir, com Bastide, a intensa ligação existente entre o individual e o social - as invenções do feiticeiro, que fornece ao seu grupo novas visões, cantos inéditos, passos de dança, iniciativas cerimoniais, só poderão ser aceitas se puderem inscrever-se dentro de uma tradição. A sociedade só faz recuperar o que já lhe pertencia e que estava apenas deslocado. Com referência aos rituais e aos tabus, estes também se inserem nas fina-

lidades do grupo social - os primeiros possibilitando a agregação do indivíduo ao grupo, os segundos, afastando o perigo, permitem assim o restabelecimento do equilíbrio provisoriamente perdido.

Finalmente deduzimos constituírem os rituais um comportamento integrativo.

## V - A RELIGIÃO É UMA ILUSÃO?

Em "O Futuro de uma ilusão" Freud conclui serem os princípios religiosos nada mais que ilusões. Desenvolvendo esta tese, faz, no final do capítulo uma analogia entre a neurose obsessiva e a religião. Em linhas gerais, procuramos resumir suas idéias centrais. (9. vol. II. p. 73-99).

A religião teria primeiramente nascido da necessidade do homem de se defender contra a terrível potência da natureza. Diante dela, o ser humano sentir-se-ia impotente, indefeso. A solução encontrada foi a de humanizar a natureza. Não, porém, simplesmente transformando suas forças em algo com o qual pudesse tratar de igual para igual, mas revestindo-as de um caráter paternal e convertendo-as em deuses. Esta forma, sim, corresponderia à impressão de superioridade produzida por elas. Tal situação seria justamente a mesma ocorrida com a criança em relação ao pai - apesar de lhe inspirar intenso temor, sente-se segura de sua proteção contra os perigos aos quais estaria exposta. A forte sensação de impotência experimentada pela criança, despertaria nela a necessidade de proteção, satisfeita na infância pelo pai. Mas a persistência de tal sentimento ao longo da vida levaria o homem a forjar a existência de um pai imortal, muito mais poderoso.

Nem a observação da regularidade dos fenômenos físicos teria aplacado o temor do homem, permanecendo a necessidade de proteção dos deuses, a quem se teria atribuído tripla função: espantar os terrores da natureza, conciliar o homem com a crueldade do destino, especialmente com a morte, e, compensá-los das dores e privações que a vida civilizada impõe. Os homens não suportariam a vida se não atribuíssem valor absoluto a estas representações. Mas somente esta terceira função teria perdurado, pois logo teriam compreendido pouco depender dos deuses as outras duas.

As perguntas feitas a respeito das bases da religião teriam encontrado respostas vazias e evasivas, razão pela qual, muitas vezes, chegaria a ser proibida toda questão que colocasse em dúvida a veracidade de seus preceitos. Possuísse sólida estrutura, não haveria motivo para se temerem as dúvidas. Para muitos, os princípios religiosos seriam aceitos como certos simplesmente por assim terem sido transmitidos pelos antepassados. Outros, praticantes da filosofia do "como se..." contentar-se-iam com hipóteses absolutamente falhas, sem qualquer fundamento e, inclusive, absurdas.

Frente a tais argumentos, a conclusão a qual chega Freud de que as idéias religiosas seriam meras ilusões, torna-se inevitável. Acrescenta ele ser uma das características mais essenciais da ilusão sua origem nos desejos humanos. Vale esclarecer não referir-se Freud à ilusão como sinônimo de falso, isto é, irrealizável ou incompatível com a realidade. Exemplificando diz que na ilusão de uma pequena burguesa de ter sua mão pedida por um príncipe, não está implícita qualquer impossibilidade. Porém, a única base de sua fantasia é seu impulso à realização do desejo. Em síntese, a ilusão seria uma crença gerada pelo impulso à satisfação de um desejo, prescindindo de sua relação com a realidade. O mesmo aconteceria com os dogmas religiosos; seriam todos eles ilusões indemonstráveis, unicamente baseados no desejo do homem e, nestes termos o destino da religião estaria severamente delimitado.

Mas, ao estudar a gênese da proibição dos homens se matarem uns aos outros, Freud percebe que as representações religiosas continham não só a realização de desejos, mas também importantes reminiscências históricas. Em Totem e Tabu ele procurou reconstituir as fases mais arcaicas da civilização. Propõe a hipótese da horda primitiva, onde o chefe teria monopólio sobre todas as mulheres do grupo. Este facto, naturalmente, suscitaria intensa inveja nos outros ho-

mens da tribo que, planejariam então, o seu desaparecimento. Em determinado momento, teriam assassinado e devorado o chefe para assimilar suas qualidades. Logo após advém o remorso e, como castigo, é imposta a proibição de se relacionarem sexualmente com as mulheres. Este é o protótipo do Complexo Edipiano, segundo Freud, fenômeno universal.

O poder do chefe assassinado é deslocado para um animal que se torne sagrado. Fica absolutamente proibido qualquer dano ao animal e aquele que transgredisse a regra sofreria rigorosa pena. Tal proibição que primeiro se limitou ao animal totem, logo se estendeu a todos os homens. Desta maneira, o assassinato do pai primitivo teria desempenhado papel de maior importância na história da humanidade - em "Moisés e a Religião Monoteísta", Freud mostra como a disputa dos filhos pela sucessão, levava-nos a compreender a inutilidade destas lutas fratricidas e a concluir uma primeira forma de organização social com a renúncia aos instintos, aceitação de obrigações mútuas, estabelecimento de certas instituições invioláveis; em resumo, o início da moral e do direito" (9. vol. III. p. 181-297).

Além disso a culpa acarretada pelo acontecimento desempenhou também papel de grande importância na organização social. Não fosse por ela os homens muito provavelmente continuariam a se matar.

O preceito de não matar é um, entre muitos exemplos, através do qual se observa, segundo Freud, a natureza humana dos princípios religiosos, assim como sua verdade histórica.

Aceitando o paralelismo entre a ontogênese e a filogênese, descobre novo caminho para a compreensão da religião. Se há uma analogia entre a história do indivíduo e a da civilização humana, se a criança passa por uma fase de neurose espontaneamente vencida durante seu desenvolvimento emocional o mesmo deve ter acontecido com a humanidade - "... na vida da espécie humana aconteceu algo similar aos sucessos da existência individual, isto é, que também naquela ocorreram conflitos de conteúdo sexual agressivo que deixaram efeitos

permanentes, mas que em sua maior parte foram reprimidos, chegando a atuar só mais tarde, depois de uma prolongada latência e produzindo, então, fenômenos análogos aos sintomas por sua tendência e estrutura". (9. vol. III. pag. 240)

Em "O Futuro de uma Ilusão", sustentando esta posição, mais uma vez afirma que assim como o homem não pode chegar à cultura sem passar por uma fase mais ou menos definida de neurose, também a coletividade humana passa, em sua evolução secular por estados análogos às neuroses. A religião corresponderia justamente a tal estado.

Nitidamente pode-se perceber aceitar Freud os pressupostos positivistas e, exatamente como o fundador desta escola filosófica, parece acreditar num processo de amadurecimento da humanidade. Segundo Comte, o espírito humano atravessaria três estados teóricos diferentes - o teológico, interpretado como a infância da humanidade, o metafísico, fase de transição, caracterizado pelo espírito de crítica e, finalmente o positivo que utilizando processos científicos, representa a idade madura da humanidade e, instala um período fixo e definitivo. A orientação positiva de Freud fica consolidada, ao afirmar que o espírito científico criaria uma outra visão frente à do mundo - quanto mais acessível se tornasse ao homem o conhecimento objetivo, tanto mais difundir-se-ia o abandono da fé religiosa. "No princípio o abalo atinge só suas formas mais antiquadas e absurdas, mas logo alcança suas premissas fundamentais". (9. vol. II. p. 90) Tudo leva a crer ser a última fase a qual referiu-se Comte, aquela que passaria a viver a humanidade após a etapa neurótica, religiosa.

O equacionamento religião - neurose, justificar-se-ia também pela observação de que os crentes parecem desfrutar de proteção contra certas enfermidades neuróticas - "como se a aceitação da neurose geral lhes poupasse o trabalho de construir uma neurose pessoal". (9. vol. II. p. 93)"... im-

pondo ao homem, pela força, a fixação num infantilismo psíquico e fazendo-o participar de um delírio coletivo, a religião consegue evitar que muitos seres humanos caiam numa neurose individual". (9.vol. III. p.17). No entanto, devemos considerar também o outro lado da moeda, poder-se-ia se supor que, passada a fase infantil de humanidade, quando se teria dominado a etapa neurótica da mesma forma que muitas crianças a dominam no curso do crescimento, aumentaria enormemente o número de indivíduos obsessivos, já que não poderiam mais comodamente lançar mão dos preceitos religiosos para encobrirem suas fraquezas!

Entretanto, outros autores, entre eles Rudolf Otto, acreditam na existência de um outro tipo de fé religiosa, para ele, a verdadeira fé; esta estaria fundamentada em algo mais que na esperança e crença na justiça de um ser todo poderoso acarretando, em consequência, uma atitude essencialmente passiva. Para ele, a fé religiosa seria intrínseca à natureza do homem. Chama a atenção para que não se confunda o sentimento puramente religioso com aquele experimentado frente, por exemplo, a uma boa ação. Trata-se de uma estranha emoção de surpresa, de exaltação. Ele cunhou a palavra NUMINOSO para traduzir este sentimento. A principal característica do numinoso é ser misterioso, e, como lembra Otto, o mistério é ao mesmo tempo "fascinante" e "tremendo". No primeiro caso, atrai e seduz; no segundo, afasta, por causar medo, terror. O numinoso não pertenceria ao tipo de conhecimento empírico, recebido pelas impressões, mas aquela cuja faculdade de conhecer, induzida pelas impressões sensíveis, produz por si própria. Além disso, o numinoso não é racional, não podendo pois desenvolver-se em conceitos. É aquilo que há de mais íntimo e mais profundo em toda emoção religiosa - é algo mais que a fé na salvação e na compensação das frustrações vividas.

Em "O Mal Ester na Cultura". Freud relata um trecho da carta enviada a ele por Romain Rolland, em resposta ao "Fu-

turo de uma Ilusão"; declara Rolland compartilhar de suas idéias sobre a religião, mas lamentava que o amigo não tivesse "concedido justo valor à fonte última da religiosidade". "Esta consistia, segundo seu critério, num sentimento particular..." "... um sentimento o qual designaria sensação de eternidade, um sentimento como de algo sem limites nem barreiras, de certo modo oceânico". Rolland explica ainda que tal sentimento seria uma experiência inteiramente subjetiva - não seria um artigo do credo, assim como não implicaria qualquer crença na imortalidade pessoal. Somente graças a este sentimento oceânico poderia o indivíduo considerar-se religioso. Freud confessa ter esta declaração de um amigo a quem muito admirava deixado-lhe em aperto, pois ele próprio não conseguia sentir este "sentimento oceânico". (9. vol. III. p. 1)

Mesmo considerando difícil submeter sentimentos a análise científica, vai tentar compreender o sentimento referido por Rolland, entendido "como uma experiência de comunhão indissolúvel, de inseparável pertinência a totalidade do mundo exterior", sob outro prisma. Para tal, reporta-se ao desenvolvimento do ego o qual lhe permite concluir existir em muitos seres um sentimento de grandiosidade, que se reduziria a uma fase precoce do sentido egoico; ou seja, aquela em que o lactante não distingue ainda seu Eu de um mundo exterior. (9. vol. III.p. 3-7)

Remetendo-nos novamente a Rudolf Otto, lembramos que ele considera difícil tratar o problema religioso com alguém que não tenha jamais se dado conta de estar vivenciando uma experiência especificamente religiosa. Seu posicionamento demonstra claramente ser o fenômeno religioso, segundo seu ponto de vista, uma experiência absolutamente subjetiva, não passível de compreensão em âmbito científico. Citamos a este propósito uma declaração de Freud: "Posso declarar que estou tão afastado da religião judia como de todas as demais; em outras palavras: considero-as suma



mente importantes como objeto de interesse científico, mas não me atingem, o mínimo sentimentalmente". (9. vol. III. p. 175) A aceitação de que a história da espécie humana pudesse explicar o fato individual e, a adoção de pressupostos positivistas, parecem ter sido os dois princípios que fundamentaram o pensamento de Freud com relação ao fenômeno religioso. Em "Moisés e a Religião Monoteísta", Freud manifesta textualmente que na vida psíquica do indivíduo atuam não só conteúdos vivenciados por ele próprio, mas também outros já existentes ao nascer, ou seja, fragmentos de origem filogenética. (9. vol. III. p. 255) No desenrolar de sua idéia a respeito da gênese da consciência moral declara - "também pode-se dizer que a criança quando reage frente às primeiras grandes privações instintivas com excessiva agressão e com uma severidade correspondente ao super-ego, não faz senão repetir um protótipo filogenético ...". (9. vol. III. p. 53) Portanto, para Freud, acontecimentos ocorridos nos primórdios da humanidade estariam contidos dentro de cada homem. Isto significa a admissão da herança dos caracteres adquiridos, hipótese ainda longe de ser confirmada pela Biologia.

Outra implicação do paralelismo de Freud é a utilização de modelo analógico - a partir da neurose obsessiva, fenômeno patológico e individual, tenta compreender a religião, fenômeno universal. Além disso, tal posição tende a conceder ao rito coletivo origens tão individuais quanto as do ritual obsessivo. Esta, a nosso ver, seria um dos perigos consequentes do uso de princípios psicanalíticos; nascido da observação da doença mental, dificilmente teria condições de dar conta do caráter social dos atos religiosos. O fenômeno religioso possuiria aspectos que transcederiam o modelo freudiano. Neste sentido, o pensamento de Jung nos parece ser mais abrangente; para ele, a experiência religiosa seria própria da psique, constituindo a manifestação espontânea de um certo estado anímico e, portanto, uma função natural do homem.

Esta experiência é por ele definida a partir do conceito de NUMINOSO de Rudolf Otto - "uma existência ou efeito dinâmicos não causados por um desejo arbitrário. Ao contrário, o efeito se apodera e domina o indivíduo, tornando-o mais sua vítima que seu criador". (11. p. 21) Seja qual for sua causa, diz ele, o numinoso constitui uma condição do indivíduo, independente de sua vontade. A existência de Deus, definitivamente uma vivência numinosa, é um fato objetivo, uma imagem arquetípica, semelhante aos demais arquétipos do si-mesmo; sua verdade é fato indiscutível - "a psicologia trata as idéias e outros conteúdos espirituais da mesma forma que, por exemplo, a zoologia se ocupa dos diversos tipos de animais. Um elefante é verdadeiro porque existe. O elefante não é uma conclusão lógica, nem uma afirmação, nem um juízo subjetivo de um intelecto criador. É, simplesmente, um fenômeno." (11. p. 21)

Como Otto, Jung parece considerar difícil entrar em questões com alguém que não tenha vivenciado uma experiência deste tipo - "uma pessoa pode dizer nunca ter tido tal experiência e, seu opositor lhe responderá - sinto muito, eu tive. E a discussão chegará ao fim." (11. p. 167) A vivência religiosa criaria uma atitude particular da consciência por ela transformada - quem a tem, possui, como tesouro inestimável, algo que se converteu em fonte de vida, sentido e beleza, concedendo novo brilho ao mundo e à humanidade". A própria experiência do autor é belamente expressa em sua autobiografia - "... o sentimento de uma participação de qualquer coisa que não era eu - um pouco como se eu tivesse sido tocado por um sopro vindo do universo astral e de espaços infinitos, ou como se um espírito invisível tivesse entrado no quarto; um espírito desaparecido há muito tempo, mas que estaria sempre presente no intemporal e até num longínquo futuro. As mudanças deste tipo estavam envolvidas pelo halo de um numen". (10. p. 87) Ao nosso ver, nesta citação, encontra-se bem nítida a emoção causada pela experiência numinosa - aquilo que é o comple

tamente outro, invade todo o indivíduo, ocasionando surpresa, estranheza; é algo contido dentro da pessoa, mas que se encontra ao mesmo tempo fora e acima dela.

Indubitavelmente a religião, para Jung, representa um encontro do homem consigo mesmo; como se no momento desta experiência numinosa, o indivíduo estivesse em contato com o mais profundo do seu ser. A religião funcionaria como uma força propulsora que levaria o homem ao encontro de si mesmo. O caráter integrador da religião é indicado no relato do caso de um paciente seu, de família católica, mas que não praticava, nem se interessava pelos problemas religiosos. No entanto, vários de seus sonhos referiam-se à religião; por ser um homem ligado à ciência, sentia-se, inclusive, em pânico quando se dava conta do quanto tais pensamentos considerados "absurdos místicos" apoderavam-se intimamente do seu ser. Alguns deles eram de natureza previdente - anunciavam o renascer do espírito ou de um vida renovada. Devemos elucidar que para Jung, os sonhos são exatamente o que parecem ser; ou seja, não são disfarce de outra coisa, mas um produto natural, uma coisa em si, sem motivação externa. Pois bem, somente a aceitação do paciente de sua experiência e a admissão do caráter inconcebivelmente numinoso de sua vivência, propiciou o êxito do tratamento. Para Jung, esta foi a condição sine que non de sua cura.

A propósito deste mesmo paciente, declara o autor ter seu estado melhorado muito depois da visão da mandala, ocorrida durante um sonho; a sensação por ele descrita foi de "sublime harmonia". A mandala, representação mágica do Transtrismo, é na obra de Jung, símbolo de si mesmo, do centro. É a auto-representação de um processo psíquico de centralização da personalidade, da produção de um novo centro. A mandala expressaria uma atitude religiosa e poderia ser considerada como uma ferramenta utilizada pela pessoa para chegar ao seu próprio conhecimento. Resumindo o

que lhe foi comunicado por algumas pessoas após a visão da mandala em diversas situações, escreve - retornaram a si mesmos; puderam voltar a aceitar-se; foram capazes de reconciliar-se consigo mesmo e, com isto, reconciliaram-se também com situações e acontecimentos difíceis. (11. p.132)

Por outro lado, a neurose seria a não aceitação destes aspectos, a percepção destas experiências como algo que não fossem parte de si próprio, irrealis - "o homem é neurótico na medida em que perdeu a confiança em si mesmo..." sentindo-se derrotado por algo "irreal". Em suma, percebe-se ser a perspectiva de Jung diametralmente oposta a de Freud. Enquanto que para o primeiro a religião seria fator promovedor de integração do homem consigo mesmo, para o segundo, seria usada como meio de defesa - representando sua própria neurose, a religião permitiria ao homem desligar-se de sua problemática, de seu núcleo.

## VI - ALGUMAS CONSIDERAÇÕES SOBRE A "HISTÓRIA DE UMA NEUROSE INFANTIL "

De maneira resumida, apresentaremos o caso de uma neurose obsessiva descrita por Freud em "História de uma neurose infantil". O fato de deixarmos de lado muitas passagens do relato, justifica-se - nosso intento é somente comentar alguns pontos da fase de neurose obsessiva atravessada pelo sujeito na infância.

O caso apresentado foi escrito por Freud entre os anos 1914-15, durante o inverno. Trata-se da análise de um homem jovem, russo, que adoeceu aos dezessete anos, logo após uma infecção blenorragica. De família abastada, perdeu toda a fortuna, assim como sua nacionalidade com a primeira guerra mundial. Filho mais novo de um jovem casal, tinha uma irmã dois anos mais velha. Esta irmã desempenhou em sua vida papel de grande importância. Era ela muito inteligente, tendo progredido nos estudos. Sua vida social, contudo, fora bastante pobre; talvez porque fosse bem mais brilhante que todos seus namorados. Aos vinte anos começou a ter sintomas de depressão, queixando-se de ser feia. Durante uma viagem, envenenou-se e morreu. Provavelmente, segundo Freud, estaria no começo de uma esquizofrenia.

O pai, com quem o paciente mantinha boa relação durante um certo período de sua infância, sofria constantemente de fases depressivas, ocasião em que era internado. A clara preferência demonstrada pela irmã desgostou muito o paciente. No final da infância havia desaparecido quase completamente sua ligação afetiva com o pai. A mãe, por sua vez, tinha uma doença abdominal, impedindo-a de ocupar-se assiduamente dos filhos. O menino ficava aos cuidados de uma babá a quem era muito apegado.

Durante os dez anos anteriores à doença, tinha levado uma vida relativamente normal, conseguindo terminar seus

estudos secundários sem grandes transtornos. Sua infância, porém, foi marcada por grave perturbação neurótica, iniciada pouco antes de ter completado quatro anos. Começou com uma histeria de angústia (zoofobia), logo transformando-se numa neurose obsessiva de conteúdo religioso.

Neste artigo Freud se detém somente nesta neurose infantil, cuja reconstituição foi possível a partir das recordações do paciente.

Até os três anos e meio, tinha sido uma criança muito dócil. Nesta idade, após o retorno dos pais de umas férias de verão, mostrava-se intensamente irritado. O fato foi atribuído a uma discussão havida entre sua babá e a governanta inglesa admitida antes da viagem dos pais. A partir desta crise seu caráter fica alterado - tinha frequentes acessos de cólera frente a menor contrariedade; sentia muito medo, principalmente de animais, grandes ou pequenos. Gritava e ficava apavorado quando via o desenho de um lobo que andava sobre dois pés. Por outro lado, recordava-se também de deliciar-se atormentando pequenos insetos.

Através das recordações que o paciente guardara desta época, evidenciou-se por detrás daquela irritação e alteração de caráter, um episódio de sedução sexual pela irmã; não tinha havido, como se pensava, qualquer problema com a governanta. O pai estava ausente; as crianças brincavam num quarto contíguo ao da mãe. A irmã pegou, então, seu pênis, dizendo para justificar-se que a babá fazia isto com todo mundo. Sua reação foi de forte repulsa à irmã, pelo fato dela já se constituir anteriormente em objeto de hostilidade. O acontecimento, porém, foi-lhe prazenteiro, procurando substituir a irmã por alguém mais querido. A escolha recaiu, naturalmente, sobre a babá, pessoa mais chegada a ele na ocasião. Brincava com seu pênis sempre que estava junto a ela. A reação da babá foi severa, dizendo que provocaria uma ferida em seu membro. A ameaça foi equivalente

a uma promessa de castração, e naturalmente surtiu vários e feitos; muitas idéias desenvolveram-se em torno do tema - o abalo de seu amor pela babá, a percepção de que as meninas fossem castradas, etc.

Naturalmente, a masturbação originou forte sentimento de culpa, tendo sido por isto reprimida. A repressão do onanismo teria emprestado a sua vida sexual um caráter sádico-anal - tornou-se irritável, cruel. Dirigia sua maldade aos animais e pessoas - arrancava asas de moscas, pisoteava escaravelhos, maltratava cavalos. Nesta época fazia também fantasias de machucar crianças, contundindo seu órgão genital. Em fantasia, estas crianças eram herdeiras do trono, encerradas num calabouço e torturadas. Ora, diz Freud, esses herdeiros representavam o próprio sujeito. Na verdade, este sadismo demonstrava ser uma atitude masoquista, oriunda da culpa pela manipulação do pênis. Por outro lado, esta tendência masoquista conduziu Freud a descoberta de que seu objeto sexual, na realidade, recaía sobre o pai - "Como se a sedução da qual a irmã lhe havia feito objeto, tivesse-lhe imposto papel passivo" (História de uma neurose infantil, p. 794). Os acessos de cólera ficariam agora demonstrados como tentativa de seduzir o pai - exteriorizando sua maldade obrigava o genitor a castigá-lo. Satisfazia ao mesmo tempo seu masoquismo e seu sentimento de culpa.

Os sintomas de angústia e o medo apareceram somente um tempo depois. Foram posteriores a um sonho relacionado com a cena primária.

Eis aqui um resumo do sonho: Estava recostado a cama quando a janela do seu quarto abriu; via-se dali várias nogueiras e sobre elas muitos lobos brancos. Tinham caudas longas, orelhas empinadas e olhavam-no com grande atenção. Preso de terrível medo, provavelmente de ser comido por eles, começou a gritar até que a babá veio acudir-lo.

A conexão do sonho com a cena primária ocorrida quando o paciente tinha um ano e meio, está contida em alguns elementos daquele. Os lobos brancos estariam relacionados com a cor da roupa íntima que os pais vestiam na ocasião; o olhar atento dos lobos era possivelmente uma inversão. Na verdade o olhar era o do paciente durante a observação da cena. (Hist. de Uma Neur. Infantil, p. 795 a 802) A visão dessa relação veio-lhe comprovar a realidade da castração, condição indispensável para o relacionamento com o pai. Freud discute amplamente a veracidade do acontecido. Imagine na ter o paciente, na realidade, presenciado uma relação sexual entre animais. Mais tarde, ainda segundo Freud, ele anexara a fantasia do coito parental a esta visão.

O terrível medo sentido no sonho atenuado com a presença específica da babá, originava-se da repulsa ao desejo de obter satisfação sexual com o pai. O temor de ser devorado pelo lobo era resultante do medo de ser possuído pelo pai, sendo por ele satisfeito, como o foi a mãe.

A persistência do estado de irritabilidade e medo, levou sua mãe a contar-lhe a História Sagrada, esperando, assim, distraí-lo. Seu propósito foi bem sucedido - o conhecimento dos dogmas religiosos puseram fim à angústia e, progressivamente à irritabilidade. Substituiu estes sintomas por outros obsessivos. Lembranças do paciente revelam claramente, segundo Freud, ter ele apresentado um quadro de neurose obsessiva aos 4 anos e meio. Antes de dormir tinha de rezar longo tempo, benzer-se várias vezes. Dava voltas no quarto, com uma cadeira, na qual subia para beijar todas as representações religiosas penduradas na parede. Ao mesmo tempo, pensamentos ofensivos surgiam em sua imaginação. Quando pensava em Deus, associava imediatamente as palavras "porco" e "lixo". Durante uma viagem atormentou-o a obsessão de pensar na Santíssima Trindade cada vez que via no caminho um monte de esterco de cavalo, ou coisa parecida. Quan



do encontrava pessoas que lhe inspiravam compaixão - mendigos, inválidos, velhos, espirava ruidosamente o ar; com este ato acreditava afastar a possibilidade de ser um dia como eles. Mais tarde, a análise teria revelado estarem estas obsessões ligadas a visão do pai doente, internado num sanatório. O pai era o protótipo destes indivíduos infelizes. A espiração profunda significava a não identificação com ele.

Todos estes sintomas obsessivos foram aos poucos sumindo, até desaparecerem completamente por volta dos dez anos. Este acontecimento é atribuído à influência especial de um professor que não acreditava nas doutrinas religiosas. Seu fervor religioso teria desaparecido com a ligação a um novo "pai". Sob a influência deste professor desenvolveu-se uma melhor sublimação de seu sadismo, que então predominava sobre o masoquismo. O paciente começou a interessar-se pela carreira militar, pelos uniformes, armas, cavalos, etc. Libertou-se de sua atitude passiva, levando assim uma vida mais normal. "A atitude feminina frente ao homem, contra a qual havia se protegido com a sublimação religiosa, era muito mais eficaz agora com a sublimação militar". (História de uma... p. 816)

A mudança do estado de angústia para o de neurose obsessiva foi provocada, como se viu, por uma situação externa. O conteúdo do problema permaneceu, porém, inalterado. Mudou só a forma - a exteriorização da relação afetiva com o pai através da fobia pelo lobo, expressava-se agora na devoção obsessiva à religião. Neste caso ficaria confirmada, diz Freud, a hipótese levantada em TOTEM E TABU - o totem seria a primeira substituição do pai (o lobo). Deus uma substituição posterior, quando o pai retoma sua figura humana (fase de fervor religioso). (História ... p. 838) O amor a Deus, substituto do pai, foi possível, graças a sua identificação com Cristo.

A aceitação dos dogmas religiosos não foi tão imediata

como poderia parecer. Primeiro, por sua natural resistên-  
cia a toda coisa nova. Segundo, pela ambivalência desper-  
tada pela imagem de Deus, reminiscência dos sentimentos  
contraditórios com relação ao pai. Terceira, a persona-  
lidade de Cristo suscitava-lhe dúvidas - sua passividade  
frente ao martírio, a existência ou não de um traseiro ne-  
le. Esta última idéia expressa a atitude homosexual reprimi-  
da. Significava a dúvida de poder ser utilizado por seu  
pai como uma mulher, da mesma forma que a mãe.

Interrompemos aqui nossa exposição do caso para algu-  
mas ponderações apenas a respeito do período obsessivo, al-  
vo de nossa atenção neste estudo.

Os rituais religiosos teriam surgido após o conheci-  
mento da História Sagrada. Somente a partir deste episó-  
dio começa, o paciente, a apresentar uma série de sintomas  
obsessivos de caráter religioso. Surgiram, pois, de um fa-  
to externo, e, isto nos leva à suposição de tratar-se de  
um acontecimento puramente circunstancial. Não nos referi-  
mos ao aparecimento da neurose obsessiva, mas ao seu espec-  
to religioso. A enfermidade certamente ter-se-ia desenvol-  
vido, pois segundo palavras de Freud, a criança "achava-se  
naquela fase da organização pregenital na qual encontra-  
mos a disposição à neurose obsessiva". (9. vol. II. p.812)

Mas, aventando a hipótese de ter sido a escolha da his-  
tória contada pela mãe um fato casual, nada nos garante  
que seriam a identificação com Cristo e todo o fervor reli-  
gioso acontecimentos inevitáveis. Tivesse sido outro o te-  
ma da história escolhida, o conteúdo da obsessão talvez  
fosse diferente. Naturalmente, porém, uma outra narrativa  
deveria, da mesma forma, facilitar a sublimação do confli-  
to. Apenas não poderia afirmar Freud ter a religião cum-  
prido sua obra no pequeno pervertido "mediante uma mistura  
de satisfação, sublimação e afastamento sexual, através de  
processos puramente espirituais e, facilitando-o, como to-

do crente, uma relação com a coletividade social". (9. vol. II. p. 838).

Mesmo levando em consideração ter sido esta experiência religiosa algo espontâneo, emergido de uma disposição natural do sujeito à religião, seria ainda difícil torná-la equivalente à uma vivência religiosa, no sentido de Rudolf Otto. Isto porque o fenômeno ocorrido com o paciente constituiu-se numa resposta aos seus problemas sexuais, individuais e, não aos seus problemas espirituais - "o conhecimento da História Sagrada proporcionou-lhe a possibilidade de sublimar a atitude masoquista predominante com relação ao seu pai. Passou a ser Cristo, personificação que lhe foi muito facilitada pelo fato de ter nascido na Noite Natal". "... a repressão da homossexualidade passiva correspondeu, então, à preocupação de que era condenável misturar a sagrada pessoa de Cristo com tais suposições". (9.vol.II p. 813)

Não se pode negar, sob ponto de vista do estado emocional do paciente, ter havido realmente uma melhora. Deixou de apresentar medos e angústias - beijando as imagens de santos e cumprindo mais uma série de cerimônia antes de dormir, não temia sonhar coisas horríveis. Vamos, então, cumprir os rituais função absolutamente pessoal, baseada unicamente na problemática atual do sujeito. Mais uma vez não podemos deixar de comentar a analogia com os rituais religiosos feita por Freud. A nós parece difícil mantê-la os ritos religiosos derivam de problemas coletivos, perduram no tempo. Os obsessivos, por se destinarem ao afastamento da ansiedade, por estarem fundamentados na problemática do indivíduo, são particulares e, podem mudar de aspecto conforme as circunstâncias.

Em síntese: os cerimoniais obsessivos são sintomas de uma enfermidade e, como tal, equivalentes aos demais comportamentos manifestados pelo neurótico obsessivo. A forma como o indivíduo os executa nos faz realmente, pensar numa

devoção religiosa. Pode-se mesmo comparar a minuciosidade com que a pessoa realiza uma limpeza obsessiva, à observação dos detalhes numa missa, por exemplo. Contudo, não significa, ao nosso ver, uma identificação de situações. Existe apenas uma semelhança aparente.

Os rituais apresentados pelo paciente, cujo caso foi relatado, constituíam, apenas, um de seus comportamentos patológicos. Não havia neles qualquer sentimento religioso, no sentido de Rudolf Otto.

## VII - CONCLUSÃO

A analogia observada entre a neurose obsessiva e a religião constituiu-se para nós num problema que merecia maior atenção. Quais seriam os verdadeiros elementos que permitiriam tal comparação? É o estudo da neurose obsessiva, enfatizando principalmente um comportamento característico da doença - o ritual, assim como um aprofundamento no problema religioso, permitem-nos a esta altura do trabalho, tecer algumas considerações finais.

Para compreender a religião, Freud tomou como modelo a neurose obsessiva. Embora reconhecendo que a patologia individual não pudesse proporcionar plena identidade com um fenômeno universal, continuou explicando uma pela outra. Dois princípios básicos garantiam a validade da utilização de seu modelo - o paralelismo entre a ontogênese e a filogênese, e a adesão aos pressupostos positivistas. Se a religião é uma neurose universal, se a humanidade caminha para uma etapa de maior maturidade, esta fase religiosa será fatalmente superada.

Há, porém, algumas questões que foram deixadas de lado por Freud. Em primeiro lugar, a neurose obsessiva, como se viu, é uma enfermidade caracterizada por idéias intrusas que dominam o pensamento do indivíduo, sempre acarretando enorme ansiedade. Tornando-se insuportável este estado de angústia, a pessoa ver-se-ia obrigada a estabelecer uma outra forma de relação com o mundo. Seria uma tentativa do sujeito para afastar de si as desgraças prenunciadas por este estado de angústia supersticiosa. Henri Ey, nos dá o exemplo de um indivíduo que ao entrar em casa, começava a conferir os quadros e imagens religiosas penduradas na parede, olhando-os várias vezes. Depois, devia colocar o relógio sobre a chaminé; era imprescindível que a haste da fivela da pulseira não estivesse voltada nem em direção ao

Crucifixo, nem à estátua da Virgem. Caso a cena não se realizasse exatamente desta maneira, alguma desgraça atingiria sua mãe. (7. p. 486)

Com efeito, o indivíduo consegue com a execução de cerimoniais um estado de maior tranquilidade. O alívio, porém, é apenas temporário - logo retornam as idéias, martirizando-o e impondo novo arranjo de estratégia. De tal forma a pessoa fica envolvida, que seu dia-a-dia reduz-se a uma série contínua de ritos abrangendo todas as suas ações - refeições, higiene, contato social, etc.

Se, por um lado, poderíamos encarar tais cerimoniais como facilitadores da aproximação do indivíduo ao meio, por outro lado, eles tornam impossível seu relacionamento com o mundo. Era de se esperar que o afastamento da ansiedade, objetivo a ser atingido pela execução de determinados atos, proporcionasse condições de contato com o ambiente. Na verdade o que ocorre nos estados mais graves, é uma "ritualização" da vida, transformando as atividades do sujeito em condutas rígidas, orientadas por regras que não permitem qualquer mobilidade - a pessoa vai se isolando cada vez mais do convívio com os demais, fechando-se em seu mundo particular. O ritual do neurótico obsessivo não é passível de ser partilhado por outras pessoas.

As causas que levariam o sujeito a desenvolver uma neurose obsessiva não estão, todavia, bem definidas. Mas sejam quais forem, elas estarão sempre ligadas à sua vida particular e, querendo buscar elementos para a compreensão do estado atual do paciente, a atenção do investigador deverá voltar-se para a própria história daquele.

Em segundo lugar, outro ponto que devemos levar em conta, é que a experiência religiosa não é definida pelos cerimoniais; eles são somente um entre tantos atos religiosos.

A religião é mais do que a observação de tabus e a obrigatoriedade de certos rituais, comportamentos também característicos da neurose obsessiva. É preciso igualmente lembrar o aspecto oculto do fenômeno religioso, tal como fizemos com a neurose obsessiva.

Foi no estudo dos povos primitivos onde encontramos mais nitidamente a prática do ritual como ato religioso. Tomemos como exemplo os ritos de iniciação. Estas cerimônias são repetidas geração após geração. É através dos rituais iniciáticos que o neófito descobre possuir o mundo uma significação oculta, não apreendida por operações intelectuais, mas revelada e explicada pelos velhos. O conhecimento dos acontecimentos místicos, da história sagrada, levará o indivíduo a assumir sua verdadeira identidade não no mundo imediato, mas no universo espiritual. Além disso, marcando a mudança de um estado a outro, os ritos de iniciação retiram o sujeito de uma situação marginal atribuindo-lhe um papel dentro do grupo. Em suma, estes rituais visam também a integração da pessoa na vida social.

Os rituais religiosos são coletivos; formam parte integrante da bagagem de uma comunidade. Podemos aqui citar Marcel Mauss: "Os ritos mágicos e a magia são, em primeiro lugar, fatos de tradição". (14. p. 11)

A distinção entre o cerimonial obsessivo e o religioso, leva-nos a focar o problema de maneira diferente. Evidentemente, a neurose obsessiva permite certas aproximações com a religião, mas apenas em relação à manifestação de um de seus sintomas, que denunciam algo estar ocorrendo com o indivíduo. Não possui, portanto, qualquer sentido místico. Mais uma vez repetimos com M. Mauss: "... atos estritamente individuais como as práticas supersticiosas particulares não podem ser consideradas mágicas". (14. p. 11) Os rituais obsessivos constituem instrumentos que permitem ao indivíduo lutar contra pensamentos e sentimentos inaceitáveis pa-

ra ele.

Ao contrário, com base no pensamento de Jung, chegamos à conclusão de que a experiência religiosa fornece à pessoa caminho inteiramente oposto - a religião é a força propulsora que move o indivíduo ao encontro de si mesmo. Ou seja, a aceitação de sua totalidade, de seus aspectos positivos e dos negativos.



## BIBLIOGRAFIA CONSULTADA

1. BASTIDE, Roger - Sociologia e Psicanálise. São Paulo: Melhoramentos. Ed. Universidade de São Paulo - 1974.
2. CASSIRER, Ernst - La Philosophie des Formes Symboliques. Vol. 2. La Pensée Mythique. Paris. Les Editions de Minuit. 1972
3. CAZENEUVE, Jean - Les Rites et la Condition Humaine. Paris. PUF, 1968.
4. DELGADO, Honório - Curso de Psiquiatria. Lima. Imprensa Santa Maria, 1955.
5. ELIADE, Mircea - La Religion Australienne. Paris, Payot 1972.
6. ELIADE, Mircea - Traité d'Histoire des Religions. Paris Payot, 1974.
7. EY, Henri - Tratado de Psiquiatria. Barcelona, P. Bernard y Ch. Brisset. Toray-Masson, S/A. 1969.
8. FERNANDEZ, F. Alonso - Fundamentos de la Psiquiatria Actual. Tomo II - Psiquiatria Clínica. Madrid. Editorial Paz Montalvo, 1968.
9. FREUD, Sigmund - Obras Completas. Madrid. Ed. Biblioteca Nueva, 1968.
10. JUNG, Carl Gustav - Ma vie. Souvenirs, rêves et pensées. Paris. Gallimard, 1966.

11. JUNG, Carl Gustav - *Psicologia y Religión*. Buenos Aires. Editorial Paidós. 1972.
12. LAUGHLIN, Henry P. - *The Neurosis in Clinical Practice*. Philadelphia. W. B. Saunders Company, 1956.
13. LEVY-BRUHL, Lucien - *Les Carnets de Lucien Lévy-Bruhl*. Paris. PUF, 1949.
14. MAUSS, Marcel - *Sociologie et Anthropologie*. Paris. PUF, 1966.
15. NOYES and KOLB - *Modern Clinical Psychiatry*. Philadelphia. W. B. Saunders Company, 1964.
16. OTTO, Rudolf - *Le Sacré*. Paris. Payot, 1970.
17. PAQUES, Vivianne - *Les Bambara*. Paris. PUF, 1954.
18. POROT, Antoine - *Diccionario de Psiquiatria*. Madrid. Editorial Labor, S/A, 1967.
19. PRZYLUSKI, Jean - *La Participation*. Paris. PUF, 1940.
20. VAN DER LEEUW, G. - *La Religion dans son essence et ses Manifestations*. Paris. Payot, 1970.
21. VAN DER LEEUW, G. - *L'Homme Primitif et la Religion*. Paris, PUF, 1940.

Tese apresentada aos Srs.

*Eliezer Schneider*

Eliezer Schneider

*Miguel Chalub*

Miguel Chalub

*Monique R. A. Augras*

Monique Augras

Aprovada e permitida a impressão

Rio de Janeiro, 25/11/77

*Stella Leventhal*  
Coordenador dos Programas de  
Graduação e Pesquisa do Centro de  
Teologia e Ciências Humanas.

